

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

SILA MARISA DE OLIVEIRA

LEGENDAÇÃO DE METÁFORAS: UM ESTUDO EMPÍRICO-EXPERIMENTAL COM
BASE NO FILME "LA LENGUA DE LAS MARIPOSAS"

FLORIANÓPOLIS, SC
SETEMBRO DE 2008

SILA MARISA DE OLIVEIRA

LEGENDAÇÃO DE METÁFORAS: UM ESTUDO EMPÍRICO-EXPERIMENTAL COM
BASE NO FILME “LA LENGUA DE LAS MARIPOSAS”

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia de Souza.

FLORIANÓPOLIS, SC
SETEMBRO DE 2008

SILA MARISA DE OLIVEIRA

LEGENDAÇÃO DE METÁFORAS: UM ESTUDO EMPÍRICO-EXPERIMENTAL COM
BASE NO FILME “LA LENGUA DE LAS MARIPOSAS”

Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução
Universidade Federal de Santa Catarina

Aprovada em 16 de setembro de 2008.

Comissão Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia de Souza (UFSC) – Orientadora

Prof. Dr. Cássio Rodrigues (UNIBAN)

Prof. Dr. Ronaldo Lima (UFSC)

Prof. Dr. Philippe Humblé (UFSC) - Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus “inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. E especialmente por Ele permitir que todas estas pessoas aparecessem em minha vida:

Meus pais, que mesmo distantes fisicamente, estão sempre presentes no meu coração.

Ao Roni, meu companheiro de todas as horas, pelos inúmeros gestos de amor e compreensão que foram, sem dúvida, minha maior fonte de energia.

Ao nosso Saulo, companheirinho tão especial, que veio povoar de inspiração nossas vidas e nos fazer descobrir outro tipo de amor.

Ao Prof. Dr. Philippe Humblé, que tão gentilmente indicou-me à Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia de Souza.

A minha orientadora Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia de Souza, exemplo de competência, profissionalismo e sensibilidade.

À colega e amiga Arlene, com quem redescobri o verdadeiro sentido da palavra coleguismo.

À Coordenação da PGET, demais professores e colegas pela oportunidade de aprendizado.

À Coordenação do Curso de Letras da Universidade do Vale do Itajaí, pelo aceite da realização da pesquisa junto àquele público.

Aos estudantes de língua espanhola do semestre letivo 2007/01, por disponibilizarem-se a colaborar com o experimento.

Yo creo que traducir metáforas sea, en realidad, traducir esquemas comportamentales y, por lo tanto, la cuestión de la metáfora es central en cualquier estudio sobre la traducción, dado que muestra la manera en que ésta tiene que ver, sobre todo, con las relaciones entre culturas más que con las relaciones entre lenguas” (ARDUINI, 2002, p. 7).

RESUMO

Nesta pesquisa, investiga-se a legendação de metáforas com os propósitos de observar as traduções de algumas expressões metafóricas do filme “La lengua de las mariposas” e a interferência de diferentes estímulos no produto da tradução. Em razão disso, a investigação dividiu-se em dois momentos: primeiramente, realizou-se um comparativo entre o áudio (em espanhol) de sete expressões metafóricas e as respectivas legendas em língua portuguesa. No segundo momento, analisaram-se as traduções propostas por um grupo de estudantes de Letras da Univali (sétimo período do semestre letivo 2007/1) para as expressões metafóricas selecionadas. Os estudantes foram segmentados em três grupos e denominados grupos A, B e C, os quais receberam diferentes estímulos. O grupo A traduziu a partir do texto escrito, o grupo B executou a mesma tarefa após ter assistido ao filme, e o grupo C realizou a tradução tendo assistido ao filme e recebido algumas instruções técnicas sobre legendação. Quanto às bases teóricas da pesquisa, adotaram-se as de Lakoff e Johnson (2002) que concebe a metáfora como uma operação cognitiva central, a do descritivista van den Broeck (1981) que sugere três possibilidades de tradução de metáforas: *stricto sensu*, substituição e paráfrase bem como a proposta de complementação de Toury (1995, apud KOGLIN, 2008) que são: omissão, não metáfora em metáfora e inserção de metáfora. A análise dos dados aponta para a predominância do tipo de tradução *stricto sensu*, o que levou, algumas vezes, ao prejuízo da manutenção da metáfora. Acreditava-se que as intervenções feitas aos grupos gerariam dados significativamente díspares entre si; entretanto percebeu-se que o nível de proficiência em língua espanhola dos participantes foi determinante para os resultados obtidos.

Palavras-chave: tradução, legendação, metáfora.

ABSTRACT

In this research, we have investigated the subtitling of metaphors with the aim to observe both the translation of some metaphorical expressions from the movie named “La lengua de las mariposas” and the interference from different stimuli on the translation product. For this reason, the investigation was divided into two phases: firstly, the Spanish audio of seven metaphorical expressions and their translations were compared. Secondly, the translations proposed by a group of Language students from Univali (Language Stage Seven from Semester 1 - 2007) for the selected metaphorical expressions were analyzed. The students were divided into three groups named A, B and C. Each group received different types of stimulus. Group A translated taking into account the written text, group B did it after watching the movie and group C translated after both watching the movie and receiving some technical instructions for subtitling. Concerning the theoretical support of this study, we adopted Lakoff & Johnson’s (2002) who conceive metaphor as a central cognitive operation and van den Broeck’s descriptive theory. He suggests three strategies for metaphor translation: *stricto sensu*, substitution and paraphrase. To complement van den Broeck’s theory, Toury (1995, apud KOGLIN, 2008) adds three other strategies: metaphor into 0, non-metaphor into metaphor and 0 into metaphor. Data analysis has shown that *stricto sensu* was the predominant translation strategy. As a result, sometimes the maintenance of metaphors was affected. We believed that group interventions would create significantly distinct data; however, we realized that the Spanish proficiency level of the participants determined the obtained data.

Keywords: translation, subtitling, metaphor.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	10
1.2 JUSTIFICATIVAS	12
1.2.1 O tema	12
1.2.2 O filme	12
1.2.3 Os participantes da pesquisa	14
1.4 MÉTODO	15
1.5 OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA	15
1.6 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	16
2 – CONCEITOS NORTEADORES DA PESQUISA.....	17
2.1 DISCUSSÃO TERMINOLÓGICA.....	17
2.2 TRADUÇÃO	20
2.3 A METÁFORA E OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO.....	21
2.3.1 A visão cognitiva da metáfora	23
2.4 A LEGENDAÇÃO COMO UM TIPO DE TRADUÇÃO	26
2.4.1 Distinção entre termos da legendação	26
2.4.2 A tecnicidade da legendação	27
2.4.3 A legendação de metáforas	29
3 – MÉTODO	30
3.1 MATERIAL E JUSTIFICATIVA	31
3.2 PROCEDIMENTOS GERAIS: CONTATOS, PRÊMIO E CERTIFICAÇÃO.....	32
3.3 PARTICIPANTES	33
3.3.1 Constituição dos grupos de participantes	33
3.4 PROCEDIMENTOS GERAIS DE COLETA DE DADOS.....	34
3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	38
3.5.1 Dados do filme	38
3.5.2 Dados coletados junto aos participantes	38
3.5.3 Análise do título	39
4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	40
4.1 ANÁLISE DAS EXPRESSÕES METAFÓRICAS LEGENDADAS NO DVD.....	41

4.2 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DOS GRUPOS.....	51
4.2.1 Grupo A	52
4.2.2 Grupo B	62
4.2.3 Grupo C	67
4.2.4 Análise comparativa inter-grupos	76
4.2.4.1 As traduções do título.....	80
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	86
ANEXOS.....	90

1 – INTRODUÇÃO

Há mais de dois milênios, vêm sendo realizadas pesquisas versando sobre a metáfora como fenômeno lingüístico e, portanto, desprovida de qualquer valor cognitivo (CANOLLA, 2000). Trata-se da teoria clássica, que concebe a metáfora como uma figura de linguagem, incompatível com textos técnicos e/ou científicos, um ornamento dispensável ou ainda uma comparação elíptica.

A partir de 1980, tem início uma nova abordagem do tema, especialmente devido à publicação de *Metaphors we live by*¹, de Lakoff e Johnson. Sob esta perspectiva, a metáfora passa a ser considerada uma operação cognitiva central, um fenômeno subjacente à linguagem e que se faz presente em nosso cotidiano, moldando a forma como pensamos e agimos. É sob este prisma que a metáfora, um dos pilares deste estudo, será tratada aqui.

Menos abundantes do que os estudos que versam sobre a metáfora são os que a investigam no âmbito da tradução. A tarefa de traduzi-la é considerada, freqüentemente, como um desafio ao tradutor. Talvez isso se dê porque a metáfora revela a forma como experienciamos o cotidiano, e estas experiências variam de cultura a cultura (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Além disso, muitas vezes, o tradutor precisa considerar particularidades sócio-culturais que podem permear a metáfora, pois ela e o texto como um todo estão imbuídos de características que lhes são peculiares e que vão além das que se referem exclusivamente a aspectos lingüísticos.

A partir do exposto, o propósito desta pesquisa é investigar a tradução de metáforas para legendação. O interesse por esta tipologia de tradução advém dos preconceitos que a acometem. Percebe-se que as críticas partem tanto do público em geral quanto do meio acadêmico. Telespectadores de filmes estrangeiros legendados, cujo nível de proficiência na língua original do mesmo permite comparações entre os textos fonte e alvo, parecem esperar que haja literalidade entre eles (GONÇALVES, 2001; SOUZA, no prelo). No meio acadêmico, a legendação busca seu lugar, pois também aí se verifica certo grau de discriminação. Chega a haver questionamentos sobre sua classificação como tradução por partir do

¹ Nesta pesquisa, será utilizada a tradução desta obra para a língua portuguesa, intitulada “Metáforas da vida cotidiana”, realizada pelo Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM) em 2002.

código oral para o escrito (KARAMITROGLOU, 2000; ARAÚJO, 2002; SOUZA, no prelo). Em razão disso ela seria considerada adaptação e não tradução. Justifica-se a escolha por este tema, visto que a legendação é um tipo de tradução ainda pouco explorado academicamente, apesar de sua grande abrangência social (TRINDADE, 2003).

O estudo se dividiu em dois momentos: o primeiro compara e avalia qualitativamente algumas expressões metafóricas do texto oral (áudio) do filme “La lengua de las mariposas” (Espanha, 1999) com a tradução que estas mesmas expressões receberam nas legendas em língua portuguesa. O segundo momento analisa as produções tradutórias de um grupo de estudantes do Curso de Letras da Universidade do Vale do Itajaí.

Os estudantes foram convidados a traduzir as mesmas expressões metafóricas analisadas no primeiro momento. Elas lhes foram apresentadas dentro de excertos maiores, a fim de que se pudesse compreender cada fragmento isolado e independente de se conhecer ou não o filme. Tomou-se essa atitude também para não induzir os participantes a pensarem em metáfora, uma vez que eles não sabiam que a pesquisa tratava de tradução de metáforas, especificamente.

Nessa parte da pesquisa, pretendia-se observar a interferência das seguintes variáveis:

- acesso ao filme e
- instrução acerca de legendação.

Em razão disso, foram compostos três grupos de participantes (A, B e C). O detalhamento de como se conduziu a coleta de dados, bem como os demais procedimentos de pesquisa, serão descritos no Capítulo 3 referente ao método.

Visto que esta pesquisa une tradução, metáfora e legendação, ela pode ser classificada, com base no mapa de Holmes² (1988), de três modos. Como *descritiva e orientada para o produto*, pois se descrevem os procedimentos tradutórios frente à metáfora e avaliam-se as traduções – ou seja, o produto - à luz da literatura consultada. Pode ainda ser *teórica, parcial e restrita ao problema*, visto que a tradução de metáforas é, comumente, tida como um problema para o tradutor. E, finalmente, pode classificar-se como *teórica, parcial e restrita ao tipo de texto*, posto

² Holmes escreveu o seu “The Name and Nature of Translation Studies” em 1988 e este texto serviu para nomear a disciplina academicamente como Estudos da Tradução. Nele, o autor apresenta um mapeamento da área de estudo, apresentando suas várias ramificações.

que, no âmbito deste trabalho, a legendação é denominada como um gênero textual, conforme Williams e Chesterman (2002).

Nas seções subseqüentes apresentam-se as justificativas para a escolha do tema, do filme e dos participantes que participaram do estudo. Em seguida, fala-se do método e dos objetivos da pesquisa. Finalmente, apresenta-se a organização desta dissertação, listando seus capítulos e subcapítulos, bem como o assunto que cada um deles aborda.

1.2 JUSTIFICATIVAS

1.2.1 O tema

O tema, tradução de metáforas para legendação, pouco explorado no meio acadêmico, merece atenção, pois a tradução de metáforas, freqüentemente vista como um desafio, torna-se ainda mais delicada dentro da legendação. Isso se dá em razão de o legendador ter que lidar - além das peculiaridades próprias da tarefa tradutória - com as limitações de ordem técnica impostas pela legendação.

Assim, buscando torná-la um pouco mais visível, é que se justifica a escolha deste tema e também porque é uma das modalidades de tradução de maior abrangência social (TRINDADE, 2003).

1.2.2 O filme

A realização deste trabalho teve por base o filme espanhol “La lengua de las mariposas” (Espanha, 1999), versão em DVD. A escolha do mesmo considerou alguns aspectos, tais como: título, enredo, momento histórico retratado e o fato de as legendas em língua portuguesa serem parte fundamental para a total compreensão da película, já que o DVD traz áudio em espanhol e legenda somente em português.

Outro ponto considerado foi a presença de metáforas no texto fonte, ou seja, o texto oral. Verificou-se que algumas expressões metafóricas poderiam ter sido

traduzidas de maneira mais satisfatória, como no caso da expressão “a que no sabes de donde vienen las patatas”, e para a qual o legendador optou pela seguinte construção: “Você sabe de onde vêm as batatas?” Esta escolha faz entrever o pouco conhecimento da língua fonte por parte do legendador, uma vez que a expressão “a que no sabes” é empregada para desafiar o interlocutor, presumindo que este não sabe de algo. Em língua portuguesa empregar-se-ia a expressão “aposto que você não sabe”. Além disso, não se trata de um questionamento – marcado pelo ponto de interrogação – mas de uma afirmação.

O título traz um dado interessante, pois como as borboletas não falam, a expressão “la lengua de las mariposas” constitui-se uma metáfora. É um exemplo de personificação, no qual características humanas – nesse caso a capacidade de comunicar-se verbalmente – são atribuídas a entidades não humanas, ou seja, às borboletas (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

O enredo conta a relação entre um menino (Moncho) e seu professor (Don Gregorio). Moncho tinha medo de ir à escola por pensar que o professor bateria nele, como em geral acontecia, mas se surpreendeu com o jeito paciente do mestre, um republicano que ensina seus alunos a observarem a natureza, a importância da literatura e, principalmente, o valor da liberdade.

Quanto ao fato histórico, é retratado no filme o período anterior à guerra civil espanhola, época em que os republicanos aspiravam à liberdade, que logo lhes foi tomada pelo regime do general Franco. Moncho se viu então obrigado, junto com sua família, a renunciar a seus ideais, ao ver seu professor e outros cidadãos sendo presos, para que seu pai não tivesse o mesmo fim.

Para Debra Ilene Herrick (2005), professora da Universidade da Flórida, e Teresa González Arce (2004), da Universidade de Guadalajara, o filme todo constitui uma metáfora da sociedade espanhola daquele tempo. Um dos ensinamentos do professor de que a língua das borboletas é como a mola de um relógio que se desenrola com o cheiro do néctar, é associado com a vida do povo espanhol que aspira à liberdade conquistada pela República.

Há uma seqüência de cenas que corroboram a visão das autoras, dentre as quais se pode citar aquela que mostra uma moça chinesa que ficou muda depois de sofrer um trauma, e Andrés, irmão mais velho do protagonista Moncho. A troca de olhares entre eles é interrompida com a chegada do marido da chinesa que, nas

palavras de Herrick (2005, p.1), “impede a possibilidade de contato entre ‘língua’ e ‘flor’”³, a figura dominante do marido representa a do ditador Franco.

Ainda em relação ao enredo, este vai ao encontro da justificativa para a escolha dos participantes da pesquisa, apresentada no item abaixo, pois a trama central do filme gira em torno da relação professor-aluno, e os participantes da pesquisa são professores.

1.2.3 Os participantes da pesquisa

Os participantes escolhidos para participar da pesquisa foram estudantes do curso de Letras da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), campus de Itajaí. A opção pelos mesmos levou em consideração o fato de que uma das habilidades esperadas do graduado naquela instituição é a de tradução⁴. Sendo assim, esta pesquisa visa contribuir para que os estudantes tenham contato com a tradução para legendas de filmes e que conheçam algumas especificações desta área. Considerou-se, portanto, que os participantes não são tradutores profissionais, embora tenham alguma prática de tradução vinculada a atividades acadêmicas da graduação.

Optou-se pelos estudantes da sétima fase em razão de seu suposto grau de interlíngua. Destaca-se que esta era a única turma cursando a sétima fase e estava composta de quinze estudantes.

O fato de os participantes da pesquisa serem professores de língua espanhola também está relacionado com o filme escolhido, pois pretendia-se que sua participação pudesse trazer-lhes algum benefício, como aumentar seu nível de conhecimento sobre a história da Espanha, bem como uma possível reflexão frente à relação professor-aluno expressa no filme.

Ressalta-se ainda que a opção por acadêmicos da Univali deu-se em razão do vínculo pessoal da pesquisadora com a instituição, uma vez que se graduou ali e

³ Todas as citações em língua espanhola foram traduzidas pela autora desta dissertação, já as em língua inglesa foram traduzidas por Arlene Koglin. As citações originais foram mantidas em nota de rodapé.

Citação original: “derrota la posibilidad de contacto entre ‘lengua’ y ‘flor’”.

⁴ Informação extraída do site da instituição: www.univali.br, acesso em 23/10/2006. Cabe destacar que o currículo do curso não possui nenhuma disciplina específica sobre tradução.

trabalhou como professora e tradutora no NELLE, Núcleo de Estudos de Línguas e Literaturas Estrangeiras, pertencente à Univali.

1.4 MÉTODO

O estudo dividiu-se em duas etapas: na primeira, analisaram-se sete expressões metafóricas extraídas do texto oral do filme espanhol “La lengua de las mariposas” (Espanha, 1999), em relação à legenda dos mesmos em língua portuguesa. A segunda etapa foi a coleta de dados junto a um grupo de 10 estudantes do Curso de Letras da Univali.

Essa coleta consistiu na tradução das mesmas sete expressões metafóricas, produzidas pelos estudantes. Eles foram segmentados em três grupos e denominados grupo A, grupo B e grupo C. Para cada um deles ofereceram-se diferentes intervenções:

- Grupo A: realizou a tarefa de tradução sem ter assistido previamente ao filme;
- Grupo B: realizou a tarefa de tradução tendo assistido anteriormente ao filme;
- Grupo C: realizou a tarefa de tradução tendo assistido anteriormente ao filme e tendo recebido informações acerca de algumas restrições técnicas do tipo de tradução: legendação (As informações dadas a esse grupo encontram-se no Anexo A).

1.5 OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA

Considerando-se o tema e as justificativas supracitadas, os propósitos dessa pesquisa são dois. Num primeiro momento, analisar as traduções de sete expressões metafóricas da forma como aparecem na legenda em português da película; posteriormente, no trabalho realizado com os alunos, pretende-se observar a interferência das seguintes variáveis:

- acesso ao filme e
- instrução acerca de legendação.

Em razão disso é que foram compostos os três grupos de participantes (A, B e C) e para cada um deles foram feitas as diferentes intervenções citadas na seção anterior.

Realizou-se também uma análise comparativa intergrupos por meio da qual objetiva-se responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) Existem diferenças entre as traduções realizadas pelos grupos de participantes que assistiram ao filme e as produções do grupo dos que não tiveram acesso prévio à obra?
- 2) Se há alguma diferença perceptiva, em quais aspectos ela acontece?
- 3) Os participantes percebem o uso lingüístico metafórico? Que tratamento dão a ele?
- 4) Como os estudantes/tradutores lidam com a metáfora?

1.6 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está composta de cinco capítulos. O primeiro consiste na introdução a qual apresenta o tema da pesquisa, as justificativas, o método e os objetivos. O segundo discorre sobre aspectos teóricos relativos à tradução, tradução de metáfora e legendação. O terceiro detalha os procedimentos metodológicos de coleta e análise de dados. O quarto traz a análise e a discussão dos dados. Encerra-se o texto apresentando-se as considerações finais.

2 – CONCEITOS NORTEADORES DA PESQUISA

Neste capítulo encontram-se as bases teóricas da pesquisa. Estas teorias referem-se aos três eixos do estudo: tradução, tradução de metáforas e legendação.

As abordagens teóricas aqui apresentadas refletem as noções da pesquisadora para cada um dos referidos temas e não pretendem refletir a verdade, mesmo porque se entende que não há uma verdade absoluta. Compartilha-se, assim, do pensamento de Russell (1992), quando ele diz que “talvez a única verdade eterna da Ciência seja a de que todas as teorias mudam com o tempo” (p.X). E essas mudanças tornam-se ainda mais visíveis quando se lida com questões de linguagem, pois se trata de algo vivo e dinâmico.

Na seção abaixo, apresenta-se uma discussão terminológica sobre tradução palavra por palavra e tradução literal. Essa discussão é necessária, uma vez que a análise dos dados coletados lidará com essa nomenclatura. Por outro lado, como a pesquisa aborda a questão da metáfora, é possível que em alguns casos o termo *literal* seja empregado em sentido contrário ao termo metáfora. Quando for este o caso, a palavra virá em *itálico*.

As seguintes subdivisões do capítulo partem do assunto mais geral, qual seja, a tradução (item 2.2) e vão em direção ao mais específico, que é a tradução de metáforas (2.3), chegando ao contexto em que a mesma foi investigada: a legendação (2.4).

2.1 DISCUSSÃO TERMINOLÓGICA

Por não haver consenso na literatura, faz-se necessário um esclarecimento terminológico acerca do que se considera, no âmbito desta pesquisa, os termos *tradução palavra por palavra* e *tradução literal*. Antes de expor quais conceituações serão consideradas aqui, apresenta-se uma discussão de parte do que se encontra na literatura dos Estudos da Tradução no tocante a este tema.

Duas das grandes fontes de referência da pesquisa em tradução, o *Dictionary of Translation Studies* (SHUTTLEWORTH; COWIE, 1997) e a *Encyclopedia of Translation Studies* (BAKER, 1998) trazem acepções diversas para os termos.

O *Dictionary of Translation Studies* (1997, p.95-96) apresenta definições distintas para a tradução literal, ora ela é tida como sinônima da tradução palavra por palavra (e nesse caso fiel à forma), ora serve para designar a tradução fiel ao conteúdo (sentido).

A tradução literal é, às vezes, associada à noção de tradução palavra por palavra. [...] Catford, também, apresenta uma definição com base na noção de unidade de tradução: ele argumenta que embora a tradução literal tome a tradução palavra por palavra como ponto de partida em razão da necessidade de obedecer à gramática da LA [língua alvo], o TA [texto alvo] final também poderá apresentar equivalência de grupos de palavras ou de orações. [...] Nabokov, por exemplo, descreve a tradução literal como “traduzir o mais próximo possível o sentido contextual exato do original respeitando as organizações sintáticas da outra língua”.⁵

Já a *Encyclopedia of Translation Studies* (1998, p.125) concebe tradução literal e tradução palavra por palavra como termos que se referem ao mesmo tipo de tradução, que seria fiel à forma e ao conteúdo.

A tradução literal, também denominada tradução palavra por palavra, é idealmente a segmentação do texto na LF [língua fonte] em palavras individuais na LA (língua alvo) traduzindo cada palavra-segmento por vez⁶.

Thunes (1998), por sua vez, sugere quatro tipos de correspondências tradutórias. A correspondência de tipo 1 se refere à tradução palavra por palavra⁷. A

⁵ Citação original: Literal translation is sometimes understood as including the related notion of WORD-FOR-WORD TRANSLATION. [...] Catford also offers a definition based on the notion of UNIT OF TRANSLATION: he argues that a literal translation takes word-for-word translation as its starting point, although because of the necessity of conforming to TL [target language] grammar, the final TT [target text] may also display group-group or clause-clause EQUIVALENCE. [...] Nabokov, for example, describes it as “rendering, as closely as the associative and syntactical capacities of another language allow, the exact contextual meaning of the original”

⁶ Citação original: Literal translation, also called word-for-word translation [...], is ideally the segmentation of the SL [source language] text into individual words and TL[target language] rendering of those word-segments one at a time.

⁷ As outras três correspondências citadas por Thunes são: tipo 2, tipo 3 e tipo 4. A primeira delas, tipo 1, ocorre nos casos em que não é totalmente possível traduzir palavra por palavra, devido às diferenças em relação à ordem e/ou função gramatical das palavras. Já na correspondência do tipo 3, existem discrepâncias estruturais maiores que no tipo 2 entre os enunciados fonte e alvo. Por fim, a tipo 4 caracteriza-se por discrepâncias tanto em nível estrutural como em nível semântico.

autora diz que este é o tipo de tradução no qual há correspondência no nível sintático do par lingüístico envolvido na tradução.

Para ilustrar essa conceituação, observe-se o seguinte exemplo:

Ex. Hoy tenemos un nuevo compañero⁸.

Hoje temos um novo colega.

Nota-se que, tanto na língua espanhola quanto na língua portuguesa, a construção frasal se dá na mesma ordem e, em vista disso, há uma correspondência quanto à forma, mantendo-se também o conteúdo.

A respeito disso, Vázquez-Ayora (1977, p.257) diz que “se há correspondência exata de ‘estrutura’ e de ‘significação’ entre duas orações e equivalência monema⁹ por monema, então se realiza tradução literal”¹⁰.

Entretanto, há casos em que esse tipo de tradução não é possível, uma vez que o sentido fica prejudicado. A esse tipo de tradução Vázquez-Ayora chama de literal mecânica¹¹, a qual se preocupa apenas com a forma.

Para ele, a tradução literal deixa de existir quando o sentido coincide, mas as estruturas das línguas não. Neste caso, haveria então a tradução que ele chama de oblíqua¹².

Os teóricos Rónai (1981) e Thunes (1998) compartilham do pensamento de que, se certa expressão¹³ de uma língua com um número X de palavras é traduzida para outra com um número diferente de X, já não há mais tradução literal.

Observando o posicionamento de Rónai, pode-se considerar que para ele não basta haver correspondência de conteúdo, mas é preciso também uma correspondência de forma para que haja a tradução literal. Assim sendo, talvez para ele tradução literal seja o mesmo que tradução palavra por palavra.

No capítulo final do livro *Teorizando e Contextualizando a Tradução* (1996), há um glossário de termos usados nos Estudos da Tradução, organizado por Königs

⁸ Este exemplo foi extraído do áudio do filme analisado neste estudo.

⁹ De acordo com Martinet (apud DUBOIS, 2001, p. 374) monema é “a menor unidade fônica portadora de sentido”.

¹⁰ “si dadas dos oraciones [...] existe entre ellas una correspondencia precisa de ‘estructura’ y de ‘significación’, y la equivalencia se cumple monema por monema, se produce la traducción literal”.

¹¹ Vázquez-Ayora fala em dois tipos de tradução literal: 1) procedimento ou método de tradução e 2) tradução mecânica. Esta última, segundo o autor, contraria os verdadeiros objetivos da tradução, além de gerar “erros e absurdos” (1977, p.257)

¹² Não haverá maior discussão do que se entende por tradução oblíqua, uma vez que não interessa para os propósitos deste estudo.

¹³ Rónai dá o exemplo da expressão italiana *arrivederci*, que em português significa *até logo*.

e Rothe-Neves. Dentre esses termos, os autores apresentam um esclarecimento do que seria a tradução palavra por palavra:

Uma das marcas da tradução palavra-por-palavra é seu direcionamento para características estruturais, em desconsideração a condições da língua de chegada. [...] ela se manteve por muito tempo como forma de tradução, inclusive sendo *introduzida no ensino de língua estrangeira* [...]. A tradução palavra-por-palavra é freqüentemente confundida com a tradução linear (p.268-269, grifos meus).

Entretanto, para os autores, essa tradução linear respeita as normas da língua de chegada, o que seria, para o âmbito desta pesquisa, o mesmo que tradução literal.

Em face do exposto, adotam-se, para esta dissertação, as conceituações do *Dictionary of Translation Studies* (1997), de Rónai (1981) e dos organizadores do glossário do livro *Teorizando e Contextualizando a Tradução* (1996).

Assim, quando houver referência à tradução palavra por palavra, entenda-se por aquela em que a preocupação recai sobre a forma, porém nem sempre se mantendo o sentido; enquanto a tradução literal será aquela na qual há a manutenção do conteúdo (sentido) e respeitam-se também as normas sintáticas da língua de chegada.

2.2 TRADUÇÃO

Desde o mito bíblico da Torre de Babel, já existiam pessoas capazes de mediar a comunicação entre os falantes das diferentes línguas, atuando, portanto, como tradutores (CAMPOS, 1987). Comparando-se aqueles tradutores aos da atualidade, constata-se que eles têm a mesma tarefa: a de desobstruir o canal comunicativo entre emissor e receptor, cuja obstrução “possa ser atribuída a interferências provocadas pela variação lingüística” (AUBERT, 1994, p. 10).

Para Aubert (1994), no momento em que a *mensagem 1*, emitida pelo *emissor 1*, não chega até o *receptor*, o tradutor é requisitado e passa a desempenhar dois papéis: o de *receptor* e *emissor* da *mensagem 1*. Há, assim, dois

atos comunicativos, sendo a tradução “o segundo ato comunicativo (o ato tradutório) [...]” (AUBERT, 1994, p. 11).

Em consonância com o que Aubert (1994) postula, está o posicionamento de Bassnett-McGuire (2003, p.72, grifos meus). Segundo a autora:

Um diagrama da comunicação que se estabelece no processo da tradução mostra que o tradutor acumula as funções de *receptor* e *emissor*, é o fim e o princípio de duas correntes de comunicação, separadas mas interligadas:

Autor – Texto – Receptor = Tradutor – Texto – Receptor

Mas neste processo comunicativo, aqui chamado tradução, há (pelo menos) dois pontos nevrálgicos a considerar: o texto e o tradutor.

Um texto é criado dentro de um tempo e espaço cultural definidos; é permeado de valores, crenças e ideologia. O tradutor, por sua vez, precisa considerar esses aspectos e ter ciência de que ele próprio é um ser sócio-histórico, culturalmente constituído pelo tempo e o espaço em que vive, e que o ato de traduzir vai muito além do nível da palavra.

Além disso, é fundamental desvincular-se da idéia de que as palavras e/ou os enunciados têm um sentido único, objetivo e facilmente acessível. A exemplo disso, examina-se, neste estudo, o papel da metáfora e como ela é tratada tanto pelo legendador do filme aqui utilizado como por tradutores novatos, ou seja, os estudantes que participaram do estudo.

2.3 A METÁFORA E OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Nos Estudos da Tradução, a metáfora é comumente vista como um problema para o tradutor (HOLMES, 1988), provavelmente devido ao fato de ser semanticamente indeterminada e de estar intimamente relacionada ao contexto sócio-cultural que a origina. Ela seria o elemento causador de ruído na cadeia comunicativa, considerando-se o exposto por Aubert (1994) e Bassnett-McGuire (2003).

Talvez o tratamento que, ao longo dos tempos, veio sendo dado à metáfora nos Estudos da Tradução possa ser visto como um reflexo do modo como ela

própria era definida. Se no campo da lingüística a metáfora era considerada um assunto periférico (NUBIOLA, 2000), sem nenhum valor cognitivo, reservada para textos poéticos e incompatível com a linguagem objetiva, é compreensível que no universo da tradução ela fosse concebida da mesma forma.

Entretanto, a partir de estudos sistemáticos chegou-se à evidência de que a metáfora é um elemento cognitivo central, variável entre culturas e presente na linguagem do dia-a-dia. Conseqüentemente, o tradutor precisa tratá-la como tal e, se na tradução de um modo geral é necessário levar em conta o contexto cultural do texto da língua fonte, na tradução de metáforas essa exigência faz-se ainda mais importante.

De acordo com Arduini (2002, p.1), esta questão é ainda mais complexa. Este pesquisador argumenta que “falar de metáforas na tradução, significa falar de modelos de mundo, de modelos de comportamento e de como diferentes modelos podem relacionar-se entre si”¹⁴. Mais adiante o autor acrescenta: “significa tentar compreender o funcionamento das metáforas dentro das culturas”¹⁵ (idem. p. 2). Trata-se, portanto, de uma relação entre culturas e não somente entre línguas.

Os estudos acerca da tradução de metáforas dividem-se em duas correntes: a dos prescritivistas e dos descritivistas. Os primeiros defendem a aplicação de regras de tradução como uma espécie de fórmulas que serviriam para todas as metáforas e, entre estes, talvez o mais citado seja Newmark (apud. ARDUINI, 2002; SCHÄFFNER, 2004). Já no grupo dos descritivistas, encontra-se van den Broeck (1981), que lista três possibilidades de tradução, ressaltando que sua intenção não é a de prescrever normas. São elas:

- Tradução *stricto sensu*, quando tópico e veículo são transferidos da língua fonte para a língua alvo;
- Substituição por uma metáfora correspondente;
- Paráfrase, quando a metáfora é substituída por uma expressão não metafórica.

Para o presente estudo, será adotada a perspectiva descritivista, uma vez que se trata de uma pesquisa de cunho empírico e na qual será observado o tratamento dado à tradução de metáforas pelos participantes. Com isso, pretende-se verificar

¹⁴ Citação original: “Hablar de metáforas en la traducción significa hablar de modelos de mundo y de modelos de comportamiento, y de cómo distintos modelos pueden relacionarse entre sí”.

¹⁵ Citação original: “Significa intentar comprender el funcionamiento de las metáforas dentro de las culturas”.

se algumas dessas possibilidades de tradução, levantadas por van den Broeck (1981), serão utilizadas.

2. 3.1 A visão cognitiva da metáfora

Classificada como uma figura de linguagem pela visão aristotélica, a metáfora era considerada o transporte do nome de uma coisa para outra (GIBBS, 1994, MALTA, 2000; ARISTÓTELES, 1457 apud RICOUER, 1975), como uma espécie de comparação baseada em características similares entre as duas coisas. Esta transposição, no entanto, geraria estranheza, um desvio de linguagem, que não poderia estar presente em textos que primassem pela objetividade, conforme mencionado anteriormente. O emprego da metáfora teria a única finalidade de embelezar os textos (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Mas Lakoff e Johnson questionam essa crença e, através de um estudo sistemático, demonstram que a metáfora não se restringe à linguagem literária. Pelo contrário, está presente em nosso discurso diário. Eles afirmam que “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (2002, p. 45).

Um exemplo citado por eles é o da metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA¹⁶ a partir do qual aparecem expressões metafóricas como: “suas críticas foram *direto ao alvo*”, “seus argumentos são *indefensáveis*” (2002, p. 46, grifos dos autores). Com isso, eles demonstram que, quando estamos em uma discussão, não só usamos vocabulário bélico (*alvo*, *defesa*), mas nos comportamos como se estivéssemos em uma guerra, situação em que podemos ganhar ou perder e vemos nosso interlocutor como adversário.

A metáfora é, então, “experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48), havendo para tanto um mapeamento seletivo de propriedades de um domínio conceitual fonte (guerra) em um domínio conceitual alvo (discussão) (SOUZA, 2004). Tais experiências, segundo os autores, estão totalmente vinculadas à cultura do indivíduo, porque se baseiam numa constante interação deste com ambientes físicos e culturais, convencionais e mais universais.

¹⁶ Lakoff e Johnson (2002) usam letras maiúsculas para se referirem às metáforas conceituais.

Para eles, há três tipos de metáforas conceituais, denominadas: estruturais, ontológicas e orientacionais (2002, p. 59-85). Vejamos cada uma delas:

- Metáforas estruturais: “casos nos quais um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro” como no exemplo já citado DISCUSSÃO É GUERRA;
- Metáforas orientacionais: são as que se relacionam com a orientação espacial: elas “dão a um conceito uma orientação espacial como, por exemplo, FELIZ É PARA CIMA [...] [que] leva a expressões como ‘Estou me sentindo *para cima* hoje’” (grifos dos autores). Os autores destacam ainda a não arbitrariedade dessas orientações metafóricas, pois se baseiam “na nossa experiência física e cultural”.
- Metáforas ontológicas: nascem a partir de nossas experiências com objetos físicos e nos permitem conceber coisas abstratas como entidades e substâncias. Lakoff e Johnson (2002) mostram uma lista de expressões metafóricas que utilizamos para nos referirmos à inflação, por exemplo. Essas expressões seriam um reflexo do fato de vermos a inflação como uma entidade: precisamos *combater a inflação*.

Os autores referem-se ainda à personificação, metonímia e a metáforas convencionais, mas essas três classes não constituem categorias à parte, pois elas podem permear as metáforas estruturais, orientacionais ou ontológicas. Assim, em uma expressão do tipo: *a vida me trapaceou*, há a ocorrência de metáfora ontológica e personificação, já que a vida é tratada como uma entidade/pessoa que pode trapacear. Na personificação qualidades humanas são atribuídas a entidades não humanas.

A metonímia, por sua vez, ocorre quando é possível conceptualizar uma coisa por meio de sua relação com outra. Na expressão: *os ônibus estão em greve*, a metonímia está em conceptualizar o objeto pelo usuário. Na realidade não são os ônibus que estão em greve, mas os motoristas de ônibus e, portanto, esse é um exemplo de metonímia e personificação.

Quanto às metáforas convencionais, elas nos são familiares, têm grande frequência de uso e muitas já se encontram dicionarizadas. Tanto é que há casos em que se torna difícil identificar os domínios conceituais metafóricos envolvidos no

mapeamento que lhes dá origem, levando a questionamentos acerca de seu caráter metafórico.

No que se refere à tradução, a presença da metáfora pode passar despercebida devido ao seu alto grau de convencionalidade. A respeito disso, Carvalho e Souza (2005, p. 32, grifos meus) salientam que “quanto mais convencional for a metáfora em questão, mais se aproximam os processos de produção e compreensão e menos importantes se tornam *o contexto e a situação* no processo de construção de sentido”.

Entretanto, segundo os autores, há casos em que o sentido pretendido pelo locutor pode não ser acessado pelo interlocutor, porque as bases experienciais de cada um variam. Nesse caso, a tradução da metáfora pode constituir um desafio ao tradutor, pois pode ser necessário o compartilhamento – ou pelo menos o conhecimento – do contexto e situação nos quais ela ocorre.

Lakoff e Johnson (2002) apresentam sua teoria repleta de metáforas convencionais, para as quais há uma variada gama de expressões metafóricas de uso corriqueiro. Provavelmente seja por isso e porque há correspondência de uso das expressões metafóricas que eles citam que foi possível a tradução do seu *Metaphors we live by* para o espanhol (em 1986) e para o português (2002).

Conforme mencionado, os autores listam uma série de expressões metafóricas, como por exemplo: *seus argumentos são indefensáveis, suas críticas foram direto ao alvo*, para os quais afirmam haver uma forma de comportar-se em uma discussão como se estivéssemos em uma guerra (DISCUSSÃO É GUERRA).

A questão é que, em se tratando de metáforas convencionais, o estabelecimento da metáfora conceitual não parece ser uma tarefa muito árdua. A dificuldade aparece com expressões metafóricas novas e, nessa situação, levantam-se metáforas conceituais hipotéticas.

Exemplos dessas metáforas conceituais hipotéticas encontram-se no presente trabalho, na análise e discussão dos dados (capítulo 4). Neste capítulo, discute-se também a questão da tradução de metáforas no contexto da legendação, uma vez que esse tipo de tradução está condicionado a fatores de ordem técnica, além das demais exigências da tradução em geral.

A tecnicidade da legendação será abordada a seguir, bem como os demais condicionantes desta prática tradutória.

2.4 A LEGENDAÇÃO COMO UM TIPO DE TRADUÇÃO

Apesar de a tradução audiovisual ser “a área de maior alcance na sociedade entre as práticas tradutórias” (TRINDADE, 2003, p.185), os estudos acadêmicos sobre legendação têm um caráter bastante embrionário no cenário brasileiro. Em razão disso, faz-se importante o esclarecimento quanto à utilização de alguns termos que circulam nessa área.

A presente seção expõe, num primeiro momento, a diferenciação entre os termos legendagem e legendação, apontando para o termo que é empregado na pesquisa. A seguir, destaca-se que o tipo de tradução do qual este estudo trata é a interlingual.

Mais adiante, diferencia-se o uso dos vocábulos *open* e *closed* dentro da legendação, salientando que o objeto de estudo aqui investigado apresenta legendas do tipo *closed*.

Por fim, ressalta-se a tecnicidade à qual a legendação está subordinada, bem como sua interferência no produto final da tradução e a relação destes fatores no que tange, particularmente, à tradução de metáforas.

2.4.1 Distinção entre termos da legendação

Em se tratando de um campo de estudos relativamente novo, é comum que haja confusão quanto ao emprego de termos como legendagem e legendação. Para Araújo (2002), Souza (no prelo) e Alvarenga (apud MELLO, 2005), legendagem refere-se à gravação das legendas na fita, enquanto legendação é usada para caracterizar o trabalho do tradutor. Adota-se aqui essa mesma distinção terminológica, concentrando-se especificamente em aspectos relativos à legendação de filmes.

No âmbito deste trabalho, o tipo de tradução tratada é a interlingual (DRIES, 1995; GOTTLIEB, 1998, SOUZA, no prelo), ou seja, aquela que parte da língua fonte do filme para a língua alvo do telespectador. Este tipo de tradução está entre os três tipos possíveis de tradução propostos por Jakobson (2000); os outros dois seriam a intralingual e a intersemiótica. Para este autor, a tradução intralingual “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua”

(JAKOBSON, 2000, p.64). Na esfera da tradução audiovisual, este mesmo termo é usado para se referir à legendação em que a língua da fala e da escrita é a mesma, destinada aos portadores de deficiência auditiva (ARAÚJO, 2004). A tradução intersemiótica, segundo Jakobson, é a que parte da interpretação de signos verbais para signos não verbais; no caso da legendação, ela é chamada intersemiótica por partir do código oral para o escrito (TRINDADE, 2003).

Outra diferenciação a ser feita é entre as legendas chamadas *open* e *closed*. As legendas *open* são aquelas não opcionais, isto é, integram a parte física do filme como as do cinema; as *closed*, ao contrário, são opcionais, pois podem ser inseridas ou não na tela. Exemplo desta última são os programas com *closed caption* (GOTTLIEB, 1998), mais recentemente, disponíveis também nos DVDs. Nesta pesquisa, trabalha-se com legendas *closed* em um filme.

2.4.2 A technicalidade da legendação

Fatores lingüísticos e extralingüísticos condicionam a atividade tradutória como um todo, e no caso particular da legendação somam-se a eles as características técnicas presentes nesta prática. Tais características limitam a produção e influenciam significativamente no resultado final do trabalho do legendador (LUYKEN, 1991; ARAÚJO, 2002; SOUZA, no prelo).

Entre estas limitações poder-se-iam citar a sincronia entre imagem, texto oral e escrito que, de acordo com Fawcett (1996), leva a questionamentos acerca de a legendação ser considerada um tipo de tradução. Karamitroglou (2000) também comenta a existência desses questionamentos, pois há quem argumente que, por se tratar de um tipo de tradução que parte do código oral para o escrito (KARAMITROGLOU, 2000; ARAÚJO, 2002; SOUZA, no prelo), ela não seja tradução, mas adaptação.

Além da sincronia, há também o número máximo de caracteres permitido por linha, que é de aproximadamente 35 contando os espaços; o número de linhas, que varia entre uma e duas; o tempo de exposição na tela, que pode ser de um a quatro segundos; e o intervalo entre uma legenda e outra, que geralmente é de um segundo (SHUTTLEWORTH; COWIE, 1997; GOTTLIEB, 1998; ARAÚJO, 2002; SOUZA, no prelo).

Em razão disso, o lema dos legendadores é “quanto menos melhor” (GOHN, 2006, informação verbal), ou seja, quanto mais curtas forem as legendas, melhor, pois o telespectador quer assistir ao filme, e isso implica não passar a maior parte do tempo lendo.

As legendas constituem um elemento dificultador para a compreensão global da obra, pois o telespectador dispõe de aproximadamente 4 segundos para ler mais ou menos 60 caracteres, durante a exposição da cena (SOUZA, no prelo; GOTLLIEB, 1998), fato que exige dele um alto nível de letramento, além de interferir na imagem e poder causar distração (DRIES, 1995; SHUTTLEWORTH; COWIE, 1997).

A opção pela legendação de filmes em contraposição à dublagem tem a ver com questões de ordem econômica, visto que se trata de recurso menos oneroso (DRIES, 1995; SHUTTLEWORTH; COWIE, 1997).

Em casos como o do filme que dá suporte a esta pesquisa, a legenda torna-se parte fundamental para a compreensão do mesmo por telespectadores que não dominam a língua original (o espanhol), pois o DVD não apresenta a opção de dublagem em nenhum idioma. A respeito disso, Mello (2004, p. 9) destaca que:

O espectador que, [...], desconhece a língua estrangeira do filme a que assiste não tem como comparar as línguas, depende integralmente das legendas para entender o enredo.

Já os telespectadores que detém certo grau de proficiência na língua original do filme muitas vezes tecem críticas negativas às legendas. Provavelmente isso aconteça porque esperam encontrar nelas *tudo* aquilo que está sendo dito pelos personagens. Entretanto, como “falamos sempre mais do que escrevemos” (ARAÚJO, 2002, p.148) e em virtude de todas as limitações apresentadas acima, isso não é possível. Além disso, é importante lembrar que traduzir não significa repetir palavras em outro idioma, como por vezes supõe e deseja o público leigo.

A transposição íntegra da fala para a escrita não é adequada nem possível, pois segundo Marcuschi (2007, p.17) “a escrita não pode ser tida como uma representação da fala”, ainda mais em se tratando de pares lingüísticos com características próprias, inseridos em culturas diferentes. Marcuschi não fala em tradução, mas muitas das considerações que apresenta podem ser mencionadas

aqui para se abordar o aspecto da legendação. Ele declara, por exemplo, que “a escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana, em paralelo com a oralidade” (MARCUSCHI, 2007, p.19) e cita contextos como o do trabalho, da família e da atividade intelectual, dentre os quais se poderia acrescentar o do entretenimento, no qual a legendação entraria.

2.4.3 A legendação de metáforas

Como se pôde perceber, a legendação é um tipo de tradução bastante complexa por agregar aspectos lingüísticos, extralingüísticos e técnicos. Por outro lado, a tradução de metáforas, como já mencionado, é uma atividade que engloba mais que elementos de língua e cultura, visto que a metáfora está ligada ao modo como conceituamos o mundo com base em nossas experiências pessoais e sociais (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Na legendação de metáforas, conseqüentemente, todas essas peculiaridades estão imbricadas e determinando o ato tradutório bem como seu resultado final.

Assim, o legendador poderá não acessar o sentido metafórico expresso no texto fonte e produzir um enunciado incoerente com a cena a que esse enunciado corresponde. Ele não dispõe do recurso de nota de rodapé para justificar suas escolhas. E, somando-se a tudo isso, convém destacar que muitas vezes o legendador traduz diretamente do *script*, sem ter assistido previamente ao filme.

Em razão de todos os detalhes levantados aqui, destaca-se a relevância de se pesquisar a legendação de metáforas.

3 – MÉTODO

Esta é uma pesquisa do tipo empírico-experimental e constitui um estudo envolvendo a tradução de expressões metafóricas para legendação. Para a realização da mesma utilizou-se o filme espanhol “La lengua de las mariposas” (Espanha, 1999).

A coleta e a análise de dados foi feita em dois momentos e a partir de dois conjuntos de dados distintos. O primeiro destinou-se à transcrição de todas as falas do referido filme, seleção de sete trechos contendo expressões metafóricas e análise qualitativa dos mesmos em relação à legenda em língua portuguesa; o segundo dedicou-se à coleta de dados junto a um grupo de estudantes de Letras, que traduziu os mesmos sete trechos.

O grupo de estudantes que colaborou com esta investigação foi o do sétimo período do curso de Letras da Univali (Universidade do Vale do Itajaí) do semestre letivo 2007/01, campus de Itajaí. Os participantes foram divididos em três grupos, chamados grupo A, grupo B e grupo C. A cada um deles apresentaram-se diferentes intervenções.

Essas intervenções foram as seguintes:

Intervenções aos grupos.

Grupo	Estímulo
A	realizou a tarefa de tradução sem ter assistido previamente ao filme
B	realizou a tarefa de tradução tendo assistido anteriormente ao filme;
C	realizou a tarefa de tradução tendo assistido anteriormente ao filme e tendo recebido informações acerca de algumas restrições técnicas do tipo de tradução: legendação (Anexo A)

A partir das intervenções listadas, solicitou-se que os participantes fizessem as traduções dos sete trechos pré-selecionados.

Com base nessas intervenções pretendia-se:

- investigar quais seriam as respostas dadas aos diferentes estímulos;

- qual a interferência das variáveis: acesso ao filme e instrução acerca de legendação;
- que tratamento dariam às expressões metafóricas a serem traduzidas.

As seguintes subdivisões deste capítulo apresentam um detalhamento de como se procedeu nas diferentes etapas.

A seção a seguir descreve o material utilizado, ou seja, o filme, bem como a justificativa para sua escolha. Em seguida, apresentam-se os procedimentos gerais que envolveram a pesquisa. Nas demais subdivisões, caracterizam-se os participantes e sua segmentação em grupos.

Nas últimas seções (3.4 e 3.5) relata-se como se procedeu na coleta e na análise dos dados.

3.1 MATERIAL E JUSTIFICATIVA

O material que serviu de suporte à realização da pesquisa foi o filme “La lengua de las mariposas” (Espanha, 1999), dirigido por José Luis Cuerda e interpretado por: Fernando Fernán Gómez (Don Gregorio), Manuel Lozano (Moncho), Uxía Blanco (Rosa), Gonzalo Martín Uriarte (Ramón), Alexis de los Santos (Andrés), Guillermo Toledo (O'Lis).

Este filme recebeu o Prêmio Goya, em 1999, de melhor roteiro adaptado, redigido por Rafael Azcona. Baseou-se nos contos *La lengua de las mariposas*, *Un saxo en la niebla* e *Carmiña* do livro *¿Qué me quieres, amor?* (1996) de Manuel Rivas. A escolha por este filme teve como base quatro aspectos: o título, o enredo, o momento histórico retratado e o fato de o DVD trazer como única opção de legenda o idioma português e nenhuma opção de dublagem. Assim, as legendas em língua portuguesa constituem parte fundamental para a total compreensão da película ao telespectador que não domine a língua original do filme.

A relação entre o título, o enredo e o fato histórico se dá de maneira metafórica. “La lengua de las mariposas” pode sugerir que ou as borboletas possuem um meio de comunicação, ou que se fala da língua enquanto órgão. O esclarecimento acerca dessa dúvida só acontece no decorrer do filme, quando o professor explica ao aluno o funcionamento da língua das borboletas ao

aproximarem-se de uma flor. Metaforicamente a língua das borboletas representa a sociedade espanhola, e a flor seria a liberdade almejada.

O enredo conta o nascimento de uma amizade entre professor e aluno, em que aquele ensina, principalmente, o valor da liberdade de pensamentos. Já o momento histórico que serve de pano de fundo para o desenrolar da trama é o anterior à guerra civil espanhola.

Supunha-se que tais características serviriam de estímulo aos participantes da pesquisa, uma vez que são professores de língua espanhola. Isso de fato ocorreu com a maioria deles, pois teceram comentários sobre a guerra civil espanhola e também sobre o enredo em si; alguns chegaram a sugerir que a pesquisadora disponibilizasse o filme para sorteio entre a turma. Assim, uma das expectativas, que era a de, indiretamente, proporcionar-lhes reflexão acerca da história da Espanha, bem como sobre a relação professor-aluno, também se confirmou.

O material específico usado para a tarefa de tradução proposta aos participantes foram sete excertos do referido filme que continham expressões metafóricas. Essas expressões mantiveram-se incluídas em seu contexto de ocorrência para que houvesse uma maior possibilidade de compreensão dos trechos e também para que a expressão metafórica não fosse ressaltada.

Esses trechos encontram-se logo abaixo, no item 3.4.

3.2 PROCEDIMENTOS GERAIS: CONTATOS, PRÊMIO E CERTIFICAÇÃO

Primeiramente, a pesquisadora conversou com a coordenadora do curso, Prof.^a Dr.^a Áurea Salete Moser Nunes, a fim de averiguar se seria possível realizar a pesquisa com aquele público. Tendo obtido pronta concordância, em seguida houve contato também com a professora de língua espanhola do curso, Norma Ernestina Klein de González, que demonstrou interesse e se dispôs a realizar as atividades da pesquisa em um de seus encontros de quatro aulas com os estudantes. Por fim, os estudantes foram informados a respeito da pesquisa e consultados quanto ao interesse em integrar a equipe de coleta de dados.

Como prêmio pela participação na pesquisa, ofereceu-se gratuitamente a todos os alunos da turma um minicurso de 3 horas-aula, cujo título foi “Noções básicas de tradução e legendação”. Para tanto, a pesquisadora, juntamente com sua orientadora, elaborou um breve material escrito, que foi distribuído aos estudantes e serviu de base às explicações e discussões com o grupo (Anexo B - Noções Básicas Sobre Tradução e Legendação: Minicurso). A Pós-Graduação em Estudos da Tradução emitiu certificados de participação para cada um dos participantes, incluindo a professora. Havia intenção de oferecer curso com carga horária maior, mas, por restrições de tempo dos participantes e porque o semestre letivo estava em fase de conclusão, não foi possível.

3.3 PARTICIPANTES

Foram convidados a participar da pesquisa os 15 estudantes regularmente matriculados no sétimo período do curso de Letras, licenciatura em português e espanhol da Univali (Universidade do Vale do Itajaí), campus de Itajaí. Todos aceitaram. Entretanto, na data prevista para a coleta de dados, compareceram apenas 12 estudantes, dentre os quais apenas 10 completaram a tarefa.

Quanto ao nível de proficiência em língua espanhola, os estudantes tiveram contato com o idioma apenas dentro do próprio curso universitário, pois durante conversa informal com os mesmos verificou-se que nenhum freqüenta (ou freqüentou) curso de língua espanhola extra-classe. Somente um dos estudantes morou durante alguns meses na Bolívia.

3.3.1 Constituição dos grupos de participantes

Os alunos foram divididos em três grupos: grupo A, grupo B e grupo C, ficando assim distribuídos numericamente:

Distribuição numérica dos grupos.

Grupo:	Nº de participantes:
A	4
B	2
C	4

Como dois deles faltaram à aula e outros três não retornaram para a realização da tarefa de tradução, o grupo B ficou significativamente reduzido.

Convém salientar que, antes da segmentação e mesclagem dos participantes em grupos, a pesquisadora consultou a professora de língua espanhola, a fim de, com base nas notas dos alunos, averiguar seu nível de proficiência. A intenção era a de cuidar para que os mais proficientes não ficassem em um mesmo grupo, podendo mascarar os dados coletados e, conseqüentemente, os resultados da pesquisa.

3. 4 PROCEDIMENTOS GERAIS DE COLETA DE DADOS

A pesquisadora transcreveu todas as falas do filme “La lengua de las mariposas” e selecionou os sete trechos abaixo. Para a análise comparativa em relação à legenda em língua portuguesa – veja-se capítulo 4 – utilizaram-se apenas as expressões metafóricas que aparecem em destaque nas tabelas, pois elas eram o foco central do trabalho.

A análise de dados coletados junto aos grupos também considerou apenas as expressões metafóricas.

Excerto 1:

En la clase:

Don Gregorio: *¿Romualdo? Muy bien.*

¿Qué va a leer?

Romualdo: *Una poesía señor.*

Don Gregorio: *Sí, ¿cómo se intitula?*

Romualdo: *Recuerdo infantil.*

De Don Antonio Machado.

Don Gregorio: *Ah bien, muy bien.*

Empiece

Don Gregorio: *Recuerde, despacio y en voz alta.*

Don Gregorio: *Y fijase bien en la puntuación.*

Romualdo: *Una tarde parda y fría de invierno*

Romualdo: *Los colegiales estudian.*

Romualdo: *Monotonía de lluvia tras los cristales.*

Romualdo: *Es la clase.*

: En un cartel se representa a Caín fugitivo

Romualdo: *Y muerto Abel, junto a una mancha carmín.*

*Excerto 2:***Entra a la clase el padre de un alumno (Don Avelino).**

Don Avelino: *Buenos días.*

Don Gregorio: *Adelante, adelante. ¿Cómo está usted?*

Don Avelino: *Yo bien, pero al chico lo veo mal.*

Don Gregorio: *No le comprendo.*

Don Avelino: *Ayer le he puesto un problema de cuentas, o sea, de ganado y no ha dado un dedo moro.*

Don Gregorio: *Sí, es que Roque debería esforzarse un poco más, pero...*

Don Avelino: *Palo, maestro palo.*

Don Avelino: *Hay que meterle las cuentas en la cabeza sea como sea.*

*Excerto 3:***Continuación de la escena anterior:**

Don Avelino: *Dádselos los capones al maestro.*

Don Gregorio: *No, no de ninguna manera.*

Don Avelino: *¿Es que me vas a hacer un feo?*

Don Gregorio: *No, no. Por favor, Don Avelino, no era esa mi intención.*

Don Avelino: *Ya ve usted que manteca.*

Don Avelino: *Lo he dicho, esmérese con el chico que no le pesará y quede con Dios.*

*Excerto 4:***En la casa de Moncho.**

Moncho: *A que no sabes de donde vienen las patatas.*

Andrés: *Del huerto, ¿de dónde van a venir?*

Moncho: *Vienen de América.*

Madre: *No digas tonterías.*

Moncho: *Que sí, que nos lo ha explicado Don Gregorio.*

Moncho: *O sea, que antes de que Colón fuera a América, en España no había patatas.*

Excerto 5:

En el bar.

Novio: *Me di todo a ella. Me di todo a ella.*

Novio: *En cuanto la acaricio, se me nubla la vista, Roque.*

Novio: *Me besa y la cabeza se me llena de campanas.*

Novio: *Me abraza y estoy abrazando el cielo.*

Roque: *¿Y la madre?*

Novio: *A la madre no la he visto, está siempre en la cama.*

Novio: *Carminha dice que no se puede llevarla sola.*

Excerto 6:

En la casa de Don Gregorio.

Don Gregorio: *Mi pobre mujer.*

Y como dijo el poeta, "dejó desierta cama...

y turbio espejo y corazón vacío.

Desierta cama y turbio espejo

y corazón vacío".

Quiere decir que me quedé más solo que la luna.

Excerto 7:

Continuación de la escena anterior.

Don Gregorio: *¿Le gusta leer?*

Moncho: *Los tebeos.*

Don Gregorio: *Ya tiene que empezar a leer libros.*

Los libros son como un hogar.

En los libros...

podemos refugiar nuestros sueños para que no se mueran de frío.

*Tome, se lo presto.
 Estoy seguro de que le gustará.
 Ah sí, tengo un regalo para usted.
 Ábralo.
 ¿No sabe para lo que sirve?*

A seleção foi feita tendo em vista a presença de expressões metafóricas para as quais fosse possível estabelecer a metáfora correspondente e que esta, por sua vez, fosse de fácil compreensão¹⁷ nos dois idiomas – português e espanhol –. Entretanto, uma delas contém uma expressão idiomática (*a que no sabes*), que necessita de certo conhecimento do idioma para traduzi-la de maneira satisfatória.

Após o primeiro momento da coleta, destinado à assistência ao filme e ao recebimento das instruções sobre legendação, passou-se à tarefa prática. Os excertos a serem traduzidos foram impressos e anexados a folhas em branco para que os alunos pudessem escrever nelas suas traduções.

Eles tiveram meia hora para executar a tarefa e puderam consultar dicionários disponibilizados pela experimentadora ou levados por eles mesmos. Foram usados dicionários bilíngües e monolíngües. Os bilíngües foram: Michaelis, Ática e Saraiva, e os monolíngües foram: Larousse e Salvat. Não lhes foi permitido consultar seus colegas.

Metade do total de 10 alunos não executou a tarefa por completo¹⁸ alegando falta de tempo. Da outra metade que concluiu dentro da meia hora que havia sido determinada, dois deles a realizaram em menos tempo que o previsto.

Antes do início da atividade prática, a pesquisadora deu todas as informações necessárias e prontificou-se a esclarecer quaisquer dúvidas. Permaneceu com os participantes durante todo o processo e ao término do mesmo agradeceu a colaboração de todos.

¹⁷ A expressão “de fácil compreensão” refere-se aqui ao cuidado que se teve na seleção das expressões metafóricas para que, mesmo o grupo de participantes que não assistiu ao filme antes da tarefa tradutória, pudesse compreendê-las a partir do contato exclusivo com o texto escrito, considerando o contexto em que aparecem.

¹⁸ Grupo A, de um total de 4 participantes, apenas 1 não concluiu.
 Grupo B, composto por 2 participantes, nenhum dos dois concluiu.
 Grupo C, de um total de 4 participantes, 2 não concluíram.

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

3.5.1 Dados do filme

Em um primeiro momento, a pesquisadora fez uma análise comparativa entre o áudio e a legendação de algumas das expressões metafóricas do filme, a fim de observar se as mesmas poderiam ser classificadas dentro de uma das três possibilidades de tradução de metáforas propostas pelo descritivista van den Broeck (1981), que são:

- Tradução *stricto sensu*, quando tópico e veículo são transferidos da língua fonte para a língua alvo;
- Substituição por uma metáfora correspondente;
- Paráfrase, quando a metáfora é substituída por uma expressão não metafórica.

Em seguida, verificou-se se as expressões metafóricas poderiam ainda ser classificadas segundo a nomenclatura sugerida por Lakoff e Johnson (2002), quais sejam: metáforas orientacionais, ontológicas e estruturais já abordadas no capítulo anterior. Procurou-se então estabelecer a que metáfora conceitual cada uma das expressões selecionadas poderia ser relacionada.

3.5.2 Dados coletados junto aos participantes

A análise descritiva relativa às traduções produzidas pelos participantes da pesquisa também partiu da observação dos dados, procurando verificar se poderiam enquadrar-se no mesmo aporte teórico utilizado na análise dos dados do filme. Ou seja, as teorias de van den Broeck (1981) e Lakoff e Johnson (2002).

A análise qualitativa, que se efetuou a partir das diferentes intervenções feitas aos três grupos, dividiu-se em duas etapas. Na primeira, analisaram-se as traduções que cada participante realizou dentro de cada grupo, ou seja, uma análise intra-grupo; já na segunda, a análise feita foi inter-grupo, com o cruzamento dos dados.

3.5.3 Análise do título

Além dos dados extraídos do filme, ou seja, as legendas em língua portuguesa e os que foram coletados junto aos grupos participantes da pesquisa, analisou-se ainda o título do filme.

A análise considerou a relação entre o título e a capa em língua espanhola, bem como a tradução do mesmo ao português e ao inglês e as figuras escolhidas para estampar as capas dos DVDs nesses dois idiomas.

Quanto às ilustrações das capas, especulou-se que expectativas elas poderiam gerar no possível telespectador e, sobretudo, observou-se a manutenção da ambigüidade de sentido presente no original, já que se trata de uma metáfora.

4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Conforme discutido ao longo deste texto, o estabelecimento de uma metáfora envolve a relação entre sistemas conceituais diferentes (LAKOFF; JOHNSON, 2002), e esses sistemas podem variar de cultura a outra, o que torna a tarefa do tradutor mais delicada. A tradução de metáforas, portanto, não lida apenas com a relação entre sistemas lingüísticos. O trabalho pode resultar ainda mais complexo quando a tradução de metáforas aparece no contexto da legendação. Nessa esfera, além dos inúmeros condicionantes, é preciso considerar a estreita relação entre o texto escrito e as demais linguagens filmicas.

O presente capítulo traz cinco agrupamentos de análise. O primeiro deles consiste na análise das expressões metafóricas legendadas no DVD do filme “La lengua de las mariposas” (Espanha, 1999). Os três agrupamentos seguintes apresentam a análise individual (intra-grupos) das traduções realizadas pelos grupos de participantes participantes da pesquisa (grupos A, B e C). Já o último apresenta um estudo comparativo entre os grupos (inter-grupos). E, finalmente, discute-se o título do filme, as traduções que recebeu para as línguas portuguesa e inglesa, bem como as ilustrações escolhidas para estampar as capas dos DVDs nos três idiomas.

É importante destacar que, com o intuito de proporcionar ao leitor uma melhor compreensão das análises apresentadas a seguir, faz-se uma ligeira explanação do contexto fílmico em que cada uma das expressões metafóricas aparecem na película.

Os quadros abaixo mostram, além do número indicativo de ordem (1, 2, 3...) e do tempo transcorrido do filme, três colunas principais: a de *áudio*, a de *legenda* e a que mostra a *metáfora conceitual* (MC) a que a expressão metafórica parece corresponder. Na coluna do *áudio* estão as expressões metafóricas extraídas do texto oral do filme e na coluna da *legenda* aparecem suas respectivas traduções em língua portuguesa.

4.1 ANÁLISE DAS EXPRESSÕES METAFÓRICAS LEGENDADAS NO DVD

Expressão metafórica 1:

Tempo	Áudio	Legenda	MC
1)0:12:19	Una tarde parda y fría de invierno.	Uma fria e cinza tarde de inverno.	OS DIAS TÊM CORES AS CORES EXPRESSAM SENTIMENTOS

O professor avisa os alunos de que a aula será iniciada com uma poesia e pergunta de quem é a vez de ler. O aluno Romualdo levanta a mão e diz que lerá *Recuerdo infantil*, de Antonio Machado. A expressão analisada aqui é a primeira frase desse poema.

Observe-se que o legendador inverteu a ordem da frase de substantivo à adjetivo para adjetivo à substantivo e, com isso, evitou a tradução palavra por palavra que, nesse caso, seria possível. A correspondência de forma entre as línguas não prejudicaria o sentido.

Contudo, como o recurso da inversão sintática é muito utilizado na linguagem poética do português, provavelmente foi em razão disso que o legendador optou por essa construção frasal, já que se trata de uma poesia. Em casos como esse, há quem recomende ainda uma busca por uma tradução já existente da poesia¹⁹.

Já no que se refere às possibilidades de tradução de metáforas sugeridas por van den Broeck (1981), neste caso, o tradutor optou pela tradução do tipo *stricto sensu*, pois houve transferência do tópico e do veículo da língua fonte para a língua alvo. Essa opção só foi possível porque há, na cultura do par lingüístico envolvido, uma correlação metafórica quanto a dizer que OS DIAS TÊM CORES e que AS CORES EXPRESSAM SENTIMENTOS. Assim, a tradução de *tarde parda* por *cinza tarde* pode ser considerada satisfatória, uma vez que costumamos dizer que os dias de inverno são cinzas.

¹⁹ A pesquisadora efetuou essa busca, mas não encontrou nenhuma tradução da poesia *Recuerdo Infantil* de Antonio Machado ao português.

Se dissermos que *uma tarde é cinza*, estamos considerando a existência da metáfora conceitual OS DIAS TÊM CORES. Tanto é que compreendemos perfeitamente frases como estas:

Ex.: Com a vitória da Ferrari foi um domingo vermelho.

“A febre de um sábado azul e um domingo sem tristezas”²⁰

Embora não se tenham listadas outras expressões, não se pode negar a existência da metáfora conceitual, pois nem sempre há um grande número de expressões que a corroborem.

Há casos ainda em que se torna difícil identificar a metáfora conceitual a que determinada expressão está vinculada, mas ainda assim a metáfora conceitual parece existir.

Outra hipótese é a de que a expressão *una tarde parda y fria de invierno* revelaria a ocorrência de outra metáfora conceitual: AS CORES EXPRESSAM SENTIMENTOS, já que uma tarde *parda* geralmente está vinculada a uma tarde triste ou de maior introspecção.

Outras expressões licenciadas por esta metáfora conceitual seriam:

Ex.: Ficar vermelho (envergonhado).

Ficar roxo/verde (de raiva).

Ficar amarelo (ter um mal-estar, ter queda de pressão arterial)

Mudar de cor²¹ (corar ou empalidecer por efeito de uma paixão ou comoção)

Ficar sem cor (ficar pálido por efeito de susto)

É importante lembrar que esta metáfora está baseada também em experiências corpóreas, além, evidentemente, de refletir o modo como determinada cultura se relaciona com o mundo que a rodeia.

Poder-se-ia especular que se trata de duas metáforas conceituais: OS DIAS TÊM CORES e AS CORES EXPRESSAM SENTIMENTOS, mas que são interdependentes neste caso. Nossas experiências com as diferentes cores que os dias podem ter, estão diretamente ligadas ao modo como nos sentimos nesses dias. De modo geral, em um dia alaranjado de sol, possivelmente nos sentimos alegres,

²⁰ Trecho da música “Viener 3 AM”, composta por Charly Garcia e Herbert Vianna.

²¹ Esses dois últimos exemplos foram extraídos do dicionário on-line Michaelis, disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=cor>

felizes, mas em um dia acinzentado, nublado, nos sentimos tristes, deprimidos. Portanto, a cor que o dia tem, delinea nosso modo de sentir e de nos comportarmos.

Expressão metafórica 2:

Tempo	Áudio	Legenda	MC
2)0:13:16	Hay que meterle las cuentas en la cabeza sea como sea.	Ponha esses números na cabeça dele.	A CABEÇA É UM RECIPIENTE

Neste exemplo, pode-se verificar que também houve uma tradução do tipo *stricto sensu*. Em ambas as culturas, a cabeça é conceituada como um recipiente e as coisas que se aprende – contas ou números, por exemplo – como objetos. Desta forma, os objetos podem ser colocados dentro da cabeça, numa relação metafórica. Este é um exemplo da metáfora COMUNICAR É ENVIAR (LAKOFF; JOHNSON, 2002²²), em que as IDÉIAS SÃO OBJETOS e as EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES DE SIGNIFICADOS. Para esta metáfora conceitual, que é do tipo estrutural, os autores apresentam expressões como: Não consigo *tirar* essa música da minha cabeça; Quem te *deu* essa idéia?

O legendador poderia ter optado por uma tradução do tipo: *É preciso meter as contas na cabeça dele seja como for*, pois em língua espanhola o emprego da expressão *hay que* indica uma necessidade ou mesmo uma recomendação. Mas, como a legendação é um tipo de tradução que prima por frases mais curtas, acredita-se que a solução encontrada pode ser considerada satisfatória. Neste caso, houve a manutenção do sentido, apesar de a forma ter-se alterado em razão de exigências lingüísticas da língua de chegada.

O emprego do verbo no imperativo (ponha) em língua portuguesa pode transmitir uma sensação de que o emissor está em posição de superioridade hierárquica em relação ao receptor, e quem profere esta frase ao professor é um senhor chamado Don Avelino, considerado influente na cidade. Este fato pode ser constatado numa passagem mais adiante, quando Moncho diz à mãe e ao irmão

²² Originalmente, esta metáfora foi discutida por Michael J. Reddy, no artigo “The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language”, publicado na obra “Metaphor and Thought”, 1979, p. 164-201.

que, segundo seu colega de escola e filho de Don Avelino, seu pai manda mais na cidade que o prefeito.

Expressão metafórica 3:

Tempo	Áudio	Legenda	MC
3)0:13:34	Ya ve usted que manteca.	O senhor verá que delícia.	ALIMENTOS TÊM CONSISTÊNCIA

Esta frase também é uma das falas de Don Avelino, presente na mesma cena do excerto anterior. Aqui, ele oferece alguns frangos ao professor para que este faça com que seu filho aprenda a fazer contas.

Don Avelino diz que os frangos são como *manteca*, isto é, que derretem na boca, que são macios, que não precisa mastigar muito; mas o tradutor optou pelo adjetivo *delícia*, o que parece descaracterizar o sentido pretendido na língua fonte, pois o termo *manteca* (ou *manteiga*) não carrega, necessariamente traços que remetam à *delícia*. Veja-se o exemplo de um bolo, que pode ser como *manteiga*, ou seja, macio (ou duro); já no que se refere a ser uma *delícia* ou não vai depender do paladar de cada um, que é algo muito particular. Imagine-se então que ele seja de laranja. Para o paladar de alguns ele poderá ser uma delícia, enquanto para outros poderá ser desagradável, mas ainda assim pode continuar sendo considerado *como manteiga*.

Então, diante da expressão *ya ve usted que manteca*, pode-se hipotetizar a existência da metáfora conceitual OS ALIMENTOS TÊM CONSISTÊNCIA, para a qual poderíamos citar expressões metafóricas do tipo:

Ex.:Este pão está duro.

Batatas fritas perdem facilmente sua consistência crocante.

O açúcar empedrou devido à umidade.

Comemos um filé mignon, macio como manteiga²³.

Assim, percebe-se que a escolha do legendador pelo termo *delícia* não manteve a metáfora presente na língua fonte – o que conseqüentemente alterou o sentido – mesmo porque, provavelmente, ele não tenha considerado a expressão como metafórica. Trata-se, portanto, de um caso de omissão de metáfora, que é um

²³ Exemplos elaborados pela pesquisadora, com base em busca realizada no site www.google.com.br

dos procedimentos de tradução indicado por Toury (1995, apud KOGLIN, 2008)²⁴, os quais complementam o modelo de van de Broeck (1981).

Toury apresenta as seguintes possibilidades de tradução de metáforas:

- Omissão: consiste no apagamento no texto alvo de uma metáfora presente no texto fonte;
- Não metáfora em metáfora: trata-se da adição de uma metáfora no texto alvo que corresponda à expressão não metafórica existente no texto fonte;
- Inserção de metáfora: nesse caso há a adição de uma metáfora no texto alvo mesmo sem haver motivação lingüística no texto fonte.

Caso o legendador tivesse considerado a expressão como metafórica, ele poderia ter optado por uma tradução do tipo *stricto sensu* e produzido um enunciado do tipo: *verás que manteiga*. Apesar de o termo *manteiga* aparentar não ter grande frequência de uso em língua portuguesa, acredita-se que essa escolha remeteria mais facilmente o telespectador ao sentido do texto fonte.

Além disso, essa opção geraria uma frase mais condensada, com menor número de caracteres²⁵, que é uma das exigências da legendação (SHUTTLEWORTH; COWIE, 1997; GOTTLIEB, 1998; ARAÚJO, 2002; SOUZA, no prelo).

Expressão metafórica 4:

Tempo	Áudio	Legenda	MC
4)0:16:07	A que no sabes de donde vienen las patatas.	Você sabe de onde vêm as batatas?	COMIDAS MIGRAM

Esta frase é dita por Moncho, um dos protagonistas do filme, ao seu irmão Andrés, depois de ter aprendido na aula que antes de Cristóvão Colombo ter descoberto a América não se cultivavam batatas na Espanha.

²⁴ Como o texto de Toury (1995) ainda não se encontra traduzido ao português, a pesquisadora adotou a sugestão de tradução de Koglin (2008) que também investigou, em sua pesquisa de mestrado, a tradução de metáforas no contexto da legendação.

²⁵ A legenda original contém 25 caracteres, enquanto a sugestão apresentada contém 18 caracteres.

Tanto na cultura da língua fonte quanto na cultura da língua alvo, os alimentos são concebidos como entidades migratórias, que vão de um lugar ao outro, neste caso da América para a Espanha.

Moncho pronuncia essa frase ao irmão utilizando seu sentido metafórico, mas Andrés diz na fala seguinte: *del huerto* e, com isso, demonstra ter acessado outro sentido daquele esperado pelo irmão. Moncho, então, fala: *de América*, com uma entonação que deixa transparecer que se trata de uma informação óbvia, que o irmão teria obrigação de saber.

Quando há o emprego do verbo *vir* – em espanhol, *venir* – é comum pensar-se na origem de algo, e a acepção de origem, neste caso, tem a ver com onde começou o cultivo de batatas.

A metáfora conceitual COMIDAS MIGRAM revela nossa experiência com relação aos alimentos cultiváveis, pois sabemos que os alimentos são típicos de determinada região, mas que podem ser levados para serem cultivados em outras regiões.

É a partir dessa concepção que entendemos enunciados como: essa folhagem não se adaptou ao clima daqui; o cacaueteiro ultrapassou os Andes. Esses enunciados são exemplos de personificação, pois demonstram que os alimentos podem se adaptar ou não a um lugar diferente, podem ultrapassar fronteiras.

Quanto às possibilidades de tradução de metáforas sugeridas por van den Broeck (1981), neste exemplo, houve outra vez uma tradução do tipo *stricto sensu*. Entretanto, a expressão *a que no sabes* tem a intenção de provocar o interlocutor a responder algo que se supõe que ele não saiba. Todavia, a escolha do legendador modificou o sentido que o texto fonte contém. Uma tradução mais adequada poderia ser: *aposto que você não sabe de onde vêm as batatas*. Além disso, Moncho não está perguntando ao irmão se ele sabe de onde elas vêm, pois ele está quase certo de que Andrés não sabe. Moncho (e também o telespectador) confirma que o irmão não sabe de onde as batatas partiram rumo à Espanha logo a seguir, quando Andrés diz que elas vêm da horta.

Expressão metafórica 5:

Tempo	Áudio	Legenda	MC
5)0:21:40	Me besa y la cabeza se me	Ela me beija, e eu ouço sinos	
0:21:43	llena de campanas. Me abraza y estoy abrazando el cielo.	tocando. Ela me abraça, e eu me sinto no paraíso.	O CONTATO FÍSICO ALTERA NOSSOS SENTIDOS

Esta é a fala de um rapaz que vai até o bar de Roque e conta a ele de seu relacionamento com Carmiña, sua namorada e pela qual ele demonstra estar apaixonado.

Na primeira frase, a escolha do tradutor foi pela substituição da metáfora da língua fonte por outra correspondente na língua alvo. Acredita-se que esta foi uma boa solução, pois em nosso contexto cultural utilizamos esse tipo de expressão. Já na segunda frase, há um caso de tradução do tipo *stricto sensu*.

Para a primeira frase não é possível uma tradução palavra por palavra, visto que não há correspondência sintática entre as línguas; já para a segunda frase seria possível.

Outra vez, a cabeça aparece como recipiente, no qual se podem colocar coisas, como sinos. Mas em português dizer que *minha cabeça se enche de sinos* não é freqüente e, por isso, acredita-se que a opção por *ouço sinos tocando* foi satisfatória quanto à manutenção do sentido pretendido na língua fonte.

Semelhante é o caso da segunda frase, pois não é comum dizermos algo como *me sinto abraçando o céu em comparação a me sinto no paraíso*²⁶.

Tanto as expressões da língua fonte quanto suas respectivas traduções demonstram a existência da metáfora conceitual: O CONTATO FÍSICO ALTERA NOSSOS SENTIDOS.

²⁶ Em junho de 2008, realizou-se busca no site www.google.com.br, a fim de verificar a ocorrência das referidas expressões. Para a expressão *minha cabeça se enche de sinos* e para *me sinto abraçando o céu*, não se encontrou nenhuma ocorrência. Já para as expressões *ouço sinos tocando* e *me sinto no paraíso*, encontraram-se, respectivamente 218 e 931 ocorrências.

Corroboram sua existência expressões como: incomodam-me pessoas que têm mania de tocar na gente enquanto falam; quando ele me beija, sinto que sou feliz; ela me cumprimenta (pega na minha mão) e me passa uma energia negativa; a shantala é uma massagem que acalma os bebês.

Expressão metafórica 6:

Tempo	Áudio	Legenda	MC
6)0:47:41	Mi pobre mujer. Se fue, con veintidós años.	Minha pobre esposa. Eu a perdi quando ela tinha apenas 22.	MORRER É PARTIR

Moncho vai até a casa de Don Gregório entregar-lhe o terno que seu pai fez de presente ao professor. Neste momento, ele vê a foto de uma mulher e então Don Gregório explica quem ela é com esta frase.

Neste caso, percebe-se que novamente o legendador fez a substituição de uma expressão metafórica da língua fonte por outra, também metafórica, da língua alvo. O conceito metafórico presente no texto fonte MORRER É PARTIR também foi substituído na língua alvo por PERDEMOS AS PESSOAS PARA A MORTE.

A frase em espanhol demonstra que, provavelmente, naquela cultura a morte é conceituada em termos de viagem. Entretanto, as pessoas costumam voltar de suas viagens, o que pode nos levar a uma reflexão de que, se encaramos a morte como viagem, talvez a aceitemos como algo não definitivo.

Em nossa cultura também nos referimos à morte dessa forma, mas também a encaramos como um meio de perda. Se possuímos determinado objeto, por exemplo, e por qualquer razão deixamos de vê-lo, costumamos dizer que o perdemos; da mesma forma nos comportamos em relação à morte. Uma expressão como *eu a perdi* (para a morte), revela nossa crença de que as pessoas são nossas propriedades e que podemos perdê-las.

Poder-se-ia hipotetizar ainda que vemos a morte como nossa adversária, que podemos vencê-la ou ganhar dela. Tanto é que costumamos empregar frases do tipo: ele venceu a morte; ele está lutando contra a morte.

A metáfora conceitual PERDEMOS AS PESSOAS PARA A MORTE é um caso de metáfora ontológica e personificação. A morte assume características humanas e é isso que nos leva a crer que ela é nossa adversária.

Em razão do exposto, uma tradução ao português do tipo: *se foi quando tinha 22 anos*, também poderia ser aceita, pois como vimos em nossa cultura também há a idéia de que MORRER É PARTIR.

O uso do numeral em sua forma arábica em substituição à forma por extenso, pode demonstrar a preocupação do legendador com o número de caracteres máximos aceitos nas legendas, conforme exigência técnica (SHUTTLEWORTH; COWIE, 1997; GOTTLIEB, 1998; ARAÚJO, 2002; SOUZA, no prelo).

Expressão metafórica 7:

Tempo	Áudio	Legenda	MC
7)0:48:06	Los libros son como un	Os livros são como	
0:48:15	hogar.	um lar.	OS LIVROS
0:48:19	En los libros	Nos livros...	SÃO
	podemos refugiar	nossos sonhos se	LUGARES
	nuestros sueños para	refugiam para não	
	que no se mueran de	morrer de frio.	OS SONHOS
	frío.		TÊM VIDA

Novamente, aparece a fala de Don Gregório, na mesma cena do exemplo anterior. Aqui, o professor pergunta a Moncho se ele gosta de ler e diz que irá emprestar-lhe um livro.

O conceito metafórico presente no áudio e na legenda é de que os livros são estabelecimentos, lugares aconchegantes que servem de abrigo para os sonhos. Os sonhos, por sua vez, são tidos como pessoas ou outro ser vital, pois podem morrer com o frio. Trata-se um exemplo de personificação.

O frio aqui, entendido metaforicamente, seria aquele sentido pelos sonhos quando estariam fora do livro, ou seja, distantes dos sonhos do autor do livro. Desta forma, nossos sonhos se juntariam aos sonhos expressos nos livros para que ganhassem calor, vida.

No que se refere à tradução, em toda esta passagem, o legendador valeu-se da tradução *stricto sensu*. Na primeira frase, ele optou pela tradução palavra por palavra, enquanto na segunda pela tradução literal.

Ainda em relação à segunda frase, verifica-se que o tradutor fez uma inversão da intenção que havia na língua de partida para a que se encontra na língua de chegada. Em espanhol, o uso do verbo *podemos* é pessoal e demonstra que o emissor participa da ação, enquanto a troca por *se refugiam* transmite a idéia de que o emissor não participa da ação, que os sonhos se refugiam por si próprios.

Considerando as exigências técnicas da legendação, se para essa expressão o legendador tivesse optado por uma tradução palavra por palavra – *podemos refugiar nossos sonhos para que não morram de frio* – esta seria mais extensa, com uma diferença de oito caracteres entre esta tradução e a que está legendada no DVD. Como na legendação prevalece a construção frasal mais curta, acredita-se que o legendador fez uma boa escolha.

A predominância pela tradução do tipo *stricto sensu* – 5 casos – entre os sete exemplos analisados não demonstra que o legendador tenha optado, na maioria das expressões metafóricas presentes no filme, por este tipo. Esta é apenas uma análise demonstrativa e que não pretende abranger a totalidade da obra.

É importante destacar que as metáforas selecionadas são convencionais e, por isso, não exigem muito conhecimento extralingüístico do legendador. Em relação à convencionalidade das metáforas, Carvalho e Souza (2005) destacam que o contexto e a situação perdem importância no processo de construção de sentido, à medida que aumenta o grau de convencionalidade da metáfora.

Conseqüentemente, poderá acontecer de determinada expressão metafórica da língua fonte não ser tratada como tal pelo tradutor. Por outro lado, quando se trata de metáforas menos convencionais ou restritas à cultura da língua fonte a complexidade se eleva.

4.2 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DOS GRUPOS

Os participantes que participaram da pesquisa traduziram sete excertos do filme (Ver seção 3.4, capítulo referente ao método), nos quais se encontram as expressões metafóricas analisadas na seção anterior.

As seções subseqüentes apresentam a transcrição das traduções dessas mesmas expressões, pois elas constituem o foco desta pesquisa. Junto às transcrições, ou seja, as traduções de metáforas, encontra-se a análise referente à produção dos participantes individualmente dentro do seu respectivo grupo. Esta análise considerou diferentes hipóteses inter-grupos. Os pontos comuns observados foram: se houve ou não percepção do uso lingüístico metafórico e por qual tipo de tradução os participantes optaram: literal ou palavra por palavra. A respeito dessa última questão, discutiu-se o que pode ter ocasionado a escolha por um dos dois tipos de tradução.

Considerou-se também a hipótese de que as traduções produzidas pelos grupos seriam distintas devido aos estímulos dados a cada um deles.

Convém ressaltar que na transcrição das traduções corrigiram-se eventuais erros de grafia e abreviaturas, pois estes aspectos não interessam para os propósitos desta pesquisa. Entretanto, não se alterou a ordem frasal, por mais que a frase pudesse ficar sem sentido, pois este fator, sim, interferiria na apreciação dos dados. A ordem em que os elementos são inseridos no enunciado pode revelar o uso de uma tradução palavra por palavra ou literal, neste caso.

Ainda no que se refere à transcrição das produções, adotou-se o ponto de interrogação entre parênteses (?) para marcar as frases (ou parte delas) que não foram traduzidas.

E, por fim, para identificar os participantes, foram usados os códigos AP1, BP2, CP3. As letras A, B e C referem-se aos três grupos; P significa participante e os números 1, 2, 3 e 4 identificam-nos dentro de cada grupo.

4.2.1 Grupo A

Como este grupo teve acesso apenas ao texto escrito para realizar a tarefa de tradução, os dados coletados foram analisados considerando-se as seguintes hipóteses:

1ª Hipótese: as traduções seriam discrepantes em relação às cenas apresentadas no filme;

2ª Hipótese: quanto ao tratamento dado às expressões metafóricas, seus sentidos poderiam sofrer alterações/ distorções.

Expressão metafórica 1:

Una tarde parda y fría de invierno.

AP1 – *Uma tarde cinza e fria de inverno.*

AP2 – *Uma tarde crepúscula e fria de inverno.*

AP3 – *Uma tarde escura e fria de inverno.*

AP4 – *Uma tarde cinza e fria de inverno.*

Considerando a primeira hipótese, não se pode afirmar que as traduções estejam em (des)acordo com a cena a que esta fala corresponde, já que se trata de um trecho de uma poesia recitada por um aluno em sala de aula e quaisquer das traduções apresentadas pelos participantes não interfeririam significativamente na cena, caso uma das traduções fosse legendada no DVD.

Todavia, o uso da palavra *crepúscula*, escolhida pelo participante AP2, parece contradizer o texto original. Talvez não se possa considerar que há equivalência semântica entre os termos *parda* e *crepúscula*, pois no espanhol o termo *parda* é usado para se referir a dias acinzentados, nublados, ou seja, sem sol; já o termo *crepúscula* refere-se (em ambos os idiomas) à cor que os dias de sol têm logo ao amanhecer e ao entardecer.

O sentido do texto da língua fonte foi alterado, mas ainda assim não é possível afirmar que o sentido da expressão metafórica em si também tenha sido, visto que a metáfora conceitual OS DIAS TÊM CORES se manteve. O termo *crepúsculo* é usado para nos referirmos à quantidade de luz solar que o dia têm e,

sendo assim, pode-se considerar que essa luz reflita uma cor, qual seja, a cor da luz do sol.

Observe-se que todos os participantes valeram-se da tradução do tipo palavra por palavra e, com isso, houve dois casos de tradução do tipo *stricto sensu* (participantes AP1 e AP4), um caso de substituição (participante AP2), e um caso de omissão de metáfora (participante AP3).

Não há como saber, entretanto, se os participantes perceberam ou não a presença da metáfora, pois conforme dito anteriormente (veja-se seção 4.1), tanto na língua espanhola quanto na língua portuguesa costuma-se dizer metaforicamente que OS DIAS TÊM CORES. Trata-se, portanto, de algo que está intrínseco à linguagem de ambas as culturas.

Porém, a expressão metafórica aparece em uma poesia, e talvez a partir desse contexto ela possa ter sido percebida como tal, pois comumente acredita-se que é somente aí, na linguagem poética, que a metáfora se faz presente (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Conforme explicitado anteriormente, mesmo com a alteração de sentido realizada pelo participante AP2, devido ao uso do termo crepúscula, a metáfora se manteve, pois ainda assim há a presença da metáfora conceitual OS DIAS TÊM CORES.

Sendo assim, as traduções também podem ser classificadas como metáforas estruturais.

Expressão metafórica 2:

Hay que meterle las cuentas en la cabeza sea como sea.

AP1 – *Tem que meter-lhe as contas na cabeça seja como seja*

AP2 – *Há de fazê-lo aprender mesmo que à força.*

AP3 – *Têm que colocar as contas em sua cabeça, seja como seja.*

AP4 – *Tenho que meter as contas na cabeça seja como seja.*

Dada a variação das traduções aqui apresentadas, vejamos cada uma delas separadamente.

O participante AP1 realizou uma tradução palavra por palavra, a qual leva à percepção de que, provavelmente, houve uma preocupação em manter no texto traduzido um correspondente para cada termo do texto fonte. Tal procedimento acabou gerando dois equívocos gramaticais. O primeiro refere-se à colocação do pronome *lhe* que deveria vir logo após o *que*, respeitando a regra de colocação pronominal (próclise). O segundo equívoco ocorreu na concordância verbal, precisamente na construção *seja como seja*, ao invés de *seja como for*. Mesmo diante do exposto, pode-se considerar que a metáfora conceitual do texto fonte: A CABEÇA É UM RECIPIENTE, foi mantida no texto alvo.

Já o participante AP2 substituiu a metáfora conceitual de seu texto por outra com sentido diferente. Entretanto, sua interpretação da expressão da língua fonte gerou uma expressão com sentido metafórico equivalente na língua de chegada. A tradução apresentada parece deixar entrever que coisas podem ser aprendidas à custa de castigo, algum tipo de pressão ou até mesmo sob agressão física.

Diante deste dado, percebe-se o quanto o uso lingüístico metafórico está arraigado em nosso pensamento (LAKOFF; JOHNSON, 2002), tanto que é capaz de gerar interpretações de metáforas em uma língua estrangeira e ainda traduzir tal expressão com um sentido próximo do original, mas provavelmente mais usual na língua de chegada.

Ressalta-se, nesse caso, que o fato de os membros desse grupo não terem contato prévio com o filme não impediu a ocorrência de uma tradução, possivelmente, mais adequada que a apresentada pelo legendador. Essa adequação não diz respeito apenas ao sentido, mas leva em conta também a condensação da frase que vai ao encontro das exigências da legendação.

A tradução que o participante AP3 apresenta mantém o sentido expresso no texto fonte, mas não está ajustada às normas gramaticais da língua de chegada. Este participante também cometeu uma falha de concordância verbal. Além disso, a forma em que o verbo *ter* aparece conjugado (*têm*), nos leva a pensar que quem teria que pôr as contas na cabeça no aluno seria uma terceira pessoa e não o professor, pois usamos essa conjugação com a terceira pessoa do plural. Talvez se pudesse dizer que esse equívoco se deu em razão de o participante não ter assistido ao filme antes de realizar a tradução e não saber a quem caberia a tarefa de ensinar o aluno a fazer contas, mas se acredita que o contexto (veja-se seção 3.4, capítulo 3) no qual a expressão aparece não permitiria tal interpretação.

No caso da tradução produzida pelo participante AP4, o sentido presente no texto fonte foi totalmente modificado. Conforme já mencionado (seção 4.1), a expressão *hay que* da língua espanhola indica uma necessidade ou obrigação. No caso dessa passagem do filme o pai de um aluno (Don Avelino) está dizendo ao professor que este deve ensinar seu filho a fazer cálculos. Entretanto, ele usa essa expressão que, apesar de o contexto fílmico indicar de quem é a obrigação, gramaticalmente é considerada impessoal. Assim, devido à impessoalidade da perífrase verbal, traduzir *hay que* por *tenho que*, não pode ser considerada uma tradução satisfatória. Ao ler a tradução, tem-se a impressão de que quem tem obrigação de colocar os números na cabeça é a pessoa que está falando e, de acordo com o filme, seria o pai do aluno. Houve uma mudança de participante da oração, o que modificou o sentido do texto original. Outra vez poder-se-ia atribuir essa tradução ao fato de os participantes deste grupo não terem tido contato prévio com o filme, porém, conforme já mencionado, acredita-se que o trecho escrito que os participantes foram convidados a traduzir não daria margem para um dado como esse.

Em face do exposto, talvez a única sugestão de tradução que possa ser considerada satisfatória dentre as apontadas por este grupo, para a expressão metafórica ora analisada, seja a do participante AP2. Caso sua sugestão fosse legendada no DVD provavelmente não prejudicaria a compreensão da cena a que esta fala está relacionada.

De acordo as possibilidades de tradução de metáforas, apontadas na revisão da literatura desta dissertação, nota-se que os participantes AP1, AP3 e AP4 realizaram a do tipo *stricto sensu*. Já o participante AP2 omitiu a metáfora da língua fonte no texto de chegada.

Expressão metafórica 3:

Ya ve usted que manteca.

AP1 – *Já vê você que manteiga.*

AP2 – *Já viu o senhor que porcaria.*

AP3 – *Já veja você que gordura.*

AP4 – *Já vem você que (?)*

Como se pode perceber, houve uma variada gama de traduções para o verbo *ver*, todavia a única relativamente aceitável seria a apresentada pelo participante AP1, relativamente porque em uma tradução palavra por palavra (como é o caso) o verbo poderia ser traduzido dessa forma. Contudo, a partir do contexto fílmico no qual essa fala aparece, pode-se perceber que Don Avelino está se referindo ao futuro, ao momento em que o professor irá comer os frangos e ver como são macios.

As outras três traduções (*viu*, *veja*, *vem*) também não condizem com o sentido expresso na língua fonte.

Quanto à tradução do pronome de tratamento *usted*, percebe-se uma certa confusão, pois três dos participantes o traduziram como *você* e um como *senhor*. Os dicionários bilíngües realmente costumam trazer essas duas possibilidades, mas o emprego do pronome, em língua espanhola, varia dependendo da região.

Geralmente ele é considerado como um pronome que expressa cortesia e, em razão disso, acredita-se que traduzi-lo por *você* não parece coerente. A escolha por *senhor* parece ser a mais conveniente. Entretanto, há casos de uso do *usted* (Argentina e Urugua, por exemplo) que é totalmente informal, empregado em círculos familiares.

A seguir, analisam-se as traduções num todo, atentando especialmente para o termo *manteca* que carrega a metafóricidade da expressão na língua fonte.

A tradução que o participante AP1 propõe é do tipo palavra por palavra e, com isso, seu sentido ficou relativamente estranho, uma vez que não parece ser uma oração usual em nosso contexto. Já o sentido metafórico foi mantido devido ao emprego da palavra *manteiga* que em língua portuguesa, assim como na espanhola, nos remete ao sentido de macio, de algo fácil de mastigar.

Os dicionários bilíngües trazem os termos *manteiga*, *gordura* e *nata* como tradução para *manteca*, mas não contemplam o uso metafórico da palavra que é utilizado no texto original. A tradução de palavras que os dicionários trazem parece transmitir a idéia de que elas contêm significados estanques e que tanto em um idioma como em outro elas carregam o mesmo sentido, independente do contexto de uso. Com os dicionários monolíngües a situação é parecida, pois trazem a explicação técnica para o termo sem fazer qualquer menção ao sentido metafórico.

Talvez esses fatores contribuam para a manutenção do pensamento de que as palavras possuem um sentido *literal*, mas que, por ventura, elas possam ser

empregadas em sentido figurado. Apesar de, muitas vezes, o sentido figurado estar presente diariamente na fala dos usuários da língua sem que estes o percebam.

A tradução que o participante AP2 apresenta descaracteriza totalmente o sentido expresso na frase original. Além disso, deixa transparecer que se buscou uma tradução palavra por palavra e não houve preocupação com o contexto maior do trecho a ser traduzido. Nesse caso, talvez se possa afirmar que a falta de contato prévio com o filme possa ter interferido no resultado final da tradução.

Quanto à relação entre a cena do filme e a legenda, essa opção, se inserida como legenda do filme, provavelmente comprometeria a compreensão da obra, pois Don Avelino oferece uns frangos ao professor e os elogia, dizendo que são como *manteca* e não que são *porcaria*. Não foi possível identificar onde o participante AP2 encontrou a palavra *porcaria* como opção de tradução para *manteca*, visto que em nenhum dos dicionários disponibilizados aparece essa ocorrência.

O participante AP3 opta pela palavra *gordura* como tradução para *manteca*, o que leva a um sentido destoante do original. Como já mencionado, Don Avelino se refere à maciez da carne dos frangos e não à gordura.

Já o participante AP4 não concluiu a tradução da frase. Talvez não tenha encontrado uma acepção para *manteca* que fosse coerente com o restante da frase que produziu.

Acredita-se que, dentre as traduções apresentadas, talvez a única que poderia ser legendada, sem haver grande comprometimento da compreensão do filme, seria a do participante AP1: *Já vê você que manteiga*.

Em vista do analisado, pode-se concluir que não houve percepção do uso lingüístico metafórico, provavelmente porque os participantes desconheçam esse uso. Todavia, numa análise descritiva dos dados, verifica-se que o participante AP1 valeu-se da estratégia *stricto sensu*, enquanto os demais participantes omitiram a metáfora de suas traduções.

Expressão metafórica 4:

A que no sabes de donde vienen las patatas.

AP1 – *Ah que não sabes de onde vem as batatas.*

AP2 – *Não sabes de onde vêm as batatas.*

AP3 – *A que não sabes de onde vem as batatas.*

AP4 – *A que não sabes de onde vem as batatas?*

Nesse caso, todos os participantes realizaram traduções do tipo palavra por palavra. Note-se, porém, que o participante AP2 omitiu de sua tradução as palavras *a que*, integrantes da expressão espanhola *a que no sabes*. Diante dos dados, percebe-se um desconhecimento do idioma do texto fonte, pois a expressão *a que no sabes*, como dito anteriormente (seção 4.1) expressa uma provocação ao interlocutor a respeito de algo que se acredita que ele não saiba. Seria traduzida ao português como *aposto que você não sabe*.

As traduções apresentadas pelos participantes AP1, AP3 e AP4, se legendadas no filme, provavelmente causariam estranhamento ao telespectador, pois é uma frase que não parece ter sentido em nosso idioma.

O participante AP2, por sua vez, produziu uma frase compreensível na língua de chegada que talvez até pudesse ser legendada, mas modificou o sentido expresso originalmente. Lembre-se que o personagem (Moncho) não afirma que seu irmão não sabe de onde as batatas vêm, ele o provoca para então se certificar que realmente ele não sabe.

Não é possível identificar, nesse caso, se houve percepção da presença da metáfora conceitual COMIDAS MIGRAM. Contudo, esse dado possa ter passado despercebido porque no contexto brasileiro, assim como no espanhol, vimos as comidas como entidades migratórias.

Mais uma vez, todos os participantes apresentam a tradução de metáforas do tipo *stricto sensu*. Apesar de as traduções não serem coerentes semanticamente em relação ao sentido presente no texto original, a metáfora conceitual se manteve.

Expressão metafórica 5:

Me besa y la cabeza se me llena de campanas.

Me abraza y estoy abrazando el cielo.

AP1 – *Me beija e a cabeça fica cheia de campainhas.*

Me abraça e estou abraçando o céu.

AP2 – *Beija-me e a cabeça fica cheia de música.*

Abraça-me e estou abraçando o céu.

AP3 – *Me beija e minha cabeça explode.*

(?)

AP4 – (?)

(?)

A tradução que o participante AP1 apresenta para a primeira frase é literal, pois conserva o sentido da língua fonte. Porém a escolha por *campainha* como tradução para *campanas* não parece ter sido satisfatória, pois compromete o sentido que a frase adquire na língua de chegada. Já a tradução da segunda frase é do tipo palavra por palavra, mas parece não interferir no sentido e na compreensão.

Ao contrário do participante AP1, o participante AP2 fez alterações de ordem sintática nas frases, respeitando as regras gramaticais da língua de chegada no que se refere à colocação pronominal. Parece adequada a escolha do vocábulo *música* em lugar de *campanas*, dado que pode levar à interpretação de que o participante AP2 percebeu a presença da metáfora, visto que, *literalmente*, ninguém fica com a cabeça cheia de *sinos* ou *campainhas*. De acordo com o que van den Broeck (1981) diz que pode acontecer na tradução de metáforas, nesse caso houve uma substituição por uma metáfora com sentido correspondente. Quanto à tradução da segunda frase, acredita-se que também pode ser aceita, uma vez que dificilmente alguém pensaria no sentido *literal* de *abraçar o céu*. No contexto brasileiro essa expressão também é entendida metaforicamente.

O participante AP3, ao contrário dos dois primeiros, escolheu a palavra *explode* como tradução para ficar *llena de campanas*. Provavelmente ele tenha recorrido a esse termo – e o empregado – também em sentido metafórico, pois, quando alguém nos beija, nossa cabeça não *explode literalmente*. Mas essa escolha parece ter comprometido o sentido expresso no texto fonte. Em língua portuguesa, quando empregamos a palavra *explode* com sentido metafórico e para fazermos alusão à cabeça, geralmente estamos nos referindo à dor de cabeça. Tanto que é comum usarmos a frase: *minha cabeça está explodindo*, para dizermos que nossa cabeça dói. Acredita-se que, embora com menos freqüência, também empreguemos a mesma frase para dizermos que estamos pensando em muitas coisas ou que estamos com muitas tarefas a cumprir.

É provável que os participantes tenham percebido a presença da metáfora, pois dificilmente as frases seriam interpretadas em sentido *literal*. Diante dos dados, pode-se hipotetizar que em ambos os idiomas há a metáfora conceitual O CONTATO FÍSICO ALTERA NOSSOS SENTIDOS. No que se refere à legendação, talvez as sugestões do participante AP2 pudessem ser inseridas na película. A falta de contato com o filme antes da tarefa tradutória parece não ter interferido no resultado final das traduções.

Expressão metafórica 6:

Mi pobre mujer. Se fue, con veintidós años.

AP1 – *Minha pobre mulher. Se foi, com vinte e dois anos.*

AP2 – *Minha pobre esposa. Se foi c/ 22 anos.*

AP3 – *Minha pobre mulher. Se foi com 22 anos.*

AP4 – (?)

Aqui, todos os participantes fizeram tradução palavra por palavra, o que levou a casos de tradução de metáforas do tipo *stricto sensu*. Essa escolha não parece ter prejudicado o sentido na língua de chegada e, provavelmente, isso foi possível porque nas culturas do par lingüístico envolvido na tradução parece haver a conceituação metafórica de que MORRER É PARTIR.

É oportuno destacar a opção que o participante AP2 apresenta para o vocábulo *mujer*. Ele o traduziu como *esposa* o que pode nos remeter a um caráter mais formal de uso no contexto da língua de chegada.

Interessante também foi o emprego dos números arábicos ao invés da forma por extenso. Esse dado pode revelar que os participantes tendem a abreviar (veja-se abreviatura de *com*, feita pelo participante AP2), mas é um recurso utilizado na legendação como forma de economizar caractere e tempo de leitura por parte do telespectador.

Outra vez todos os participantes realizaram tradução *stricto sensu*.

Expressão metafórica 7:

Los libros son como un hogar.

En los libros...

Podemos refugiar nuestros sueños para que no mueran de frío.

AP1 – *Os livros são como uma casa.*

Nos livros...

podemos refugiar nossos sonhos para que não morram de frio.

AP2 – *Os livros são como um lar.*

Nos livros...

podemos refugiar nossos sonhos p/ q ã morram de frio.

AP3 - *Os livros são como uma casa.*

Em os livros...

podemos refugiar nossos sonhos, para que não morram do frio.

AP4 – (?)

Novamente todos os dados demonstram casos de traduções palavra por palavra. Variou apenas a escolha entre as palavras *casa* e *lar* como tradução para a palavra *hogar*. Ambas podem ser aceitas, apesar de se acreditar que *lar* transmite melhor a idéia de aconchego, proteção, refugio que parece ser o sentido expresso na frase seguinte.

Como se pode constatar, foi unânime a tradução *stricto sensu* e, assim como nos demais casos já investigados, acredita-se que ela tenha sido decorrência da tradução palavra por palavra.

A tradução palavra por palavra, como se viu, muitas vezes prejudica a manutenção do sentido expresso no texto fonte, mas quando isso não acontece e ela pode ser aceita, talvez seja um dos procedimentos geradores da tradução de metáforas do tipo *stricto sensu*.

Retomando as hipóteses levantadas para este grupo, verifica-se que, em alguns casos, as traduções são discordantes, se comparadas às cenas a que se vinculam no filme. Talvez isso se deva ao fato de o grupo não ter assistido previamente à película. Ou então parece ser decorrência da busca por uma tradução

palavra por palavra mesmo em casos nos quais ela não gera orações com sentido no texto alvo.

Houve casos em que as expressões metafóricas tiveram seus sentidos alterados, confirmando-se a segunda hipótese e, mesmo assim, os conceitos metafóricos foram mantidos.

Como se viu, apareceram os dois tipos de tradução: a literal e a palavra por palavra. A tradução literal ocorreu uma vez (expressão metafórica 5) e comprometeu o sentido expresso no texto fonte. Já a tradução palavra por palavra predominou e ocasionou tanto orações semanticamente adequadas quanto outras que prejudicaram a manutenção do sentido do texto original.

4.2.2 Grupo B

Como se poderá verificar adiante, os dados desse grupo ficaram comprometidos, uma vez que alguns participantes não retornaram do intervalo entre as atividades de assistência do filme e de tradução. Além disso, o participante BP2 não traduziu as expressões metafóricas 4, 5, 6 e 7 e o participante BP1 não traduziu as 6 e 7.

Ao contrário do grupo A, o grupo B teve contato prévio com a película e, em razão disso, levanta-se a seguinte hipótese:

- As traduções revelam maior preocupação em relação ao contexto fílmico no qual os excertos aparecem; por isso, se caracterizam por certo distanciamento dos textos orais exclusivamente.

Expressão metafórica 1:

Una tarde parda y fría de invierno.

BP1 – *Uma tarde cinzenta e fria de inverno.*

BP2 – *Uma tarde cinza e fria de inverno*

Observando-se os dados, é possível verificar que os dois participantes realizaram tradução palavra por palavra e, com isso, houve a ocorrência da tradução de metáforas do tipo *stricto sensu* (VAN DEN BROECK, 1981).

A tradução palavra por palavra é possível de ser efetuada quando há correspondência sintática entre as línguas envolvidas na tarefa tradutória e quando o sentido expresso originalmente não é alterado no texto traduzido.

É provável que os participantes não tenham encontrado grandes dificuldades de acessar o sentido do texto fonte, uma vez que tanto na cultura espanhola como na nossa costumamos utilizar expressões metafóricas que revelam a existência das metáforas conceituais OS DIAS TÊM CORES e AS CORES EXPRESSAM SENTIMENTOS (ver seção 4.1).

No caso das traduções ora examinadas, parece não ser possível afirmar se elas denotam busca de coerência entre a tradução sugerida pelos participantes e a cena a que a expressão metafórica está relacionada, mesmo porque, conforme citado anteriormente, a expressão metafórica é parte de uma poesia recitada por um aluno no filme.

Expressão metafórica 2:

Hay que meterle las cuentas en la cabeza sea como sea.

BP1 – *Tens que fazer com que os cálculos em sua cabeça, de qualquer maneira.*

BP2 – *Tem que enfiar as contas na sua cabeça seja como for.*

Aqui, parece que o participante BP1 buscou uma tradução do tipo literal, mas como retirou do texto da língua alvo o termo que indica a necessidade de se colocarem as contas na cabeça, o sentido da frase ficou confuso. O apagamento do referido termo, conseqüentemente, levou à omissão da metáfora.

Já a sugestão do participante BP2 é um caso de tradução literal, pois houve a interpretação do enunciado original e uma tradução de metáfora do tipo *stricto sensu*. (VAN DEN BROECK, 1981).

Conforme mencionado na análise referente aos dados do filme, há uma correspondência entre as culturas do par lingüístico aqui analisado em conceber as

coisas que se aprendem como objetos que podem ser colocados dentro da cabeça. A cabeça funciona, então, como recipiente de objetos.

É provável que essa correspondência metafórica seja uma das responsáveis pela efetivação da tradução e por, aparentemente, não causar maiores dificuldades em traduzir a metáfora. Outro fator que pode contribuir para que a metáfora seja acessada, interpretada e traduzida, pode ser seu grau de convencionalidade.

A convencionalidade da metáfora a torna familiar e algumas vezes conduz a questionamentos acerca de seu caráter metafórico. Esses questionamentos/contestações parecem estar imbuídos da visão tradicional da metáfora que a considera como uma figura de linguagem, relegada a textos poéticos e não presentes na linguagem do cotidiano.

Considerando todos esses fatores, é provável que na tarefa tradutória proposta aos colaboradores desta pesquisa, muitas vezes a presença da metáfora possa ter passado despercebida.

Quanto a uma possível busca por correlacionar as traduções sugeridas ao contexto fílmico, a proposta do participante BP2 encontra-se de acordo.

Expressão metafórica 3:

Ya ve usted que manteca.

BP1 – *Veja só! Que manteiga!*

BP2 – *Já vê você (?)*

A tradução proposta pelo participante BP1 poderia ser classificada como adequada, se fosse desconsiderada a passagem fílmica à qual ela está vinculada. O enunciado parece sugerir que se está comentando o sabor de uma manteiga e, por isso, talvez a legendação dessa tradução pudesse comprometer o estabelecimento de sentido em relação à cena, visto que essa fala aparece quando o pai de um aluno comenta a maciez de uns frangos que está oferecendo ao professor.

O sentido expresso originalmente refere-se a uma ação futura, ao momento em que o professor irá degustar os frangos e constatar como são macios. A tradução da expressão, por sua vez, não manteve esse sentido e, com isso, houve o

apagamento da metaforicidade. É o que Toury (1995, apud KOGLIN, 2008) define como omissão da metáfora no texto traduzido.

Em face do exposto até aqui, verifica-se que, neste caso, a hipótese de que as traduções propostas pelos indivíduos deste grupo revelariam maior preocupação em relação ao contexto fílmico no qual os excertos aparecem não se confirmou.

Já o dado fornecido pelo participante BP2 sugere que não houve acesso ao conteúdo metafórico. Um indício que conduz a esse raciocínio é a tentativa de traduzir a expressão palavra por palavra. O sentido de expressões como essa só pode ser apreendida se considerado o enunciado como um todo.

Portanto, provavelmente tenha sido em razão desses fatores que o participante não concluiu a tradução, e esta, por sua vez, não apresenta características suficientes que permitam uma análise mais aprofundada.

Expressão metafórica 4:

A que no sabes de donde vienen las patatas.

BP1 – *Não sabes de onde vêm as batatas!*

BP2 – (?)

A única tradução proposta para a expressão metafórica ora analisada não conserva o sentido que o texto fonte exprime. Parece que isso ocorreu por desconhecimento do significado da expressão “a que no sabes”.

Contudo, a metáfora conceitual COMIDAS MIGRAM foi mantida. Essa manutenção parece ter sido possível porque há, entre as culturas do par lingüístico, uma correspondência em conceber as comidas como pessoas que podem deslocar-se, migrar de uma região a outra.

Assim, a sugestão de tradução do participante BP1 enquadra-se no que van den Broeck (1981) chama de tradução de metáfora do tipo *stricto sensu*.

Já no que concerne à relação da tradução com a imagem fílmica a que a expressão está ligada, ela pode ser vista como incongruente, pois na cena o protagonista não afirma que seu interlocutor não sabe de onde as batatas vêm, ele tem quase certeza de que este não sabe.

Expressão metafórica 5:

Me besa y la cabeza se me llena de campanas.

Me abraza y estoy abrazando el cielo.

BP1 – *Ela me beija e a cabeça se enche de sons. Quando me abraça, é como se eu estivesse abraçando o céu.*

BP2 – (?)

A sugestão de tradução do participante BP1 parece bastante interessante. Por meio dela é possível perceber que houve acesso ao conteúdo semântico originalmente expresso, havendo também a transposição deste para a língua alvo.

Trata-se de um caso de tradução de metáfora do tipo *stricto sensu* (VAN DEN BROECK, 1981). Em ambas as culturas parece haver a metáfora conceitual O CONTATO FÍSICO ALTERA NOSSOS SENTIDOS. Provavelmente seja em razão disso que é possível acessar o sentido expresso no texto fonte e transpô-lo no texto alvo. O vínculo entre a cena na qual essa fala é empregada e a tradução aqui sugerida não parece gerar qualquer incompatibilidade semântica.

As expressões metafóricas 6 (Mi pobre mujer. Se fue, con veintidós años.) e 7 (Los libros son como un hogar. En los libros...Podemos refugiar nuestros sueños para que no mueran de frío.) não foram traduzidas por nenhum dos participantes. Esse fato talvez possa sugerir certa impaciência e desejo de não estar em sala de aula. Cabe mencionar que os participantes estavam em fase de conclusão do semestre letivo e envolvidos com atividades de estágio, o que pode ter contribuído para uma aparente indisponibilidade. Além disso, a participação deles na pesquisa foi voluntária.

A hipótese de que as traduções sugeridas por este grupo revelariam maior preocupação com o contexto fílmico no qual os excertos aparecem não se confirmou. Pode-se supor que a não confirmação da hipótese se deva pelo menos a dois fatores: o aparente baixo nível de proficiência dos participantes em língua espanhola e uma possível dificuldade em estabelecer a ligação dos excertos às cenas do filme.

4.2.3 Grupo C

Os participantes deste grupo foram os que mais receberam estímulos, pois, além de terem assistido ao filme antes da tarefa tradutória, receberam informações acerca da legendação. O grupo foi informado de que a legendação está subordinada a fatores de caráter técnico - tais como: a necessidade de sincronia entre imagem, texto oral e legenda, tempo de exposição das legendas na tela, limite de caracteres por linha - e em decorrência disso, prima-se por frases mais sucintas. Destacou-se ainda que é uma tradução que parte do texto oral para o escrito e que, ainda assim, revela traços da oralidade.

Com base no exposto, a análise dos dados deste grupo considera as seguintes hipóteses:

1ª Hipótese: As traduções revelam maior preocupação com o contexto fílmico;

2ª Hipótese: Os enunciados são mais curtos;

3ª Hipótese: As frases se aproximam mais da oralidade.

Expressão metafórica 1:

Una tarde parda y fría de invierno.

CP1 – *Uma tarde parda e fria de inverno.*

CP2 – *Uma tarde p(?) e fria de inverno.*

CP3 – *Uma tarde fria de inverno.*

CP4 - *Uma tarde cinzenta e fria de inverno.*

Observa-se que as traduções propostas pelos participantes CP1 e CP4 são do tipo palavra por palavra. No caso deste último, tal estratégia tradutológica parece não prejudicar o conteúdo semântico, uma vez que ele emprega o vocábulo *cinzenta* como equivalente para *parda*. Com isso, a metáfora conceitual OS DIAS TÊM CORES, presente no texto fonte, é mantida.

Da mesma forma, a referida metáfora conceitual sustenta-se na tradução apresentada pelo participante CP1. Entretanto, o uso do termo *parda* em língua portuguesa parece remeter mais facilmente a tonalidades amarronzadas que a acinzentadas. Em vista disso, acredita-se que a sugestão do participante CP4 seja

mais satisfatória e, se escolhida para ser legendada no DVD, exigiria menos esforço cognitivo do telespectador, já que é mais comum nos referirmos a esta metáfora por meio da palavra *cinzenta*.

Visto que as traduções promoveram a manutenção da metáfora OS DIAS TÊM CORES, talvez esse seja um indício de que elas são enunciados que estruturam o modo como descrevemos os dias e como nos comportamos de acordo com a cor que cada dia tem. Citou-se anteriormente (seção 4.1) que a expressão metafórica *Una tarde parda y fría de invierno* poderia também ser licenciada pela metáfora conceitual AS CORES EXPRESSAM SENTIMENTOS e que uma tarde cinzenta provavelmente não remeteria a dias alegres.

Considerando-se as possibilidades de tradução de metáforas citadas por van den Broeck (1981), as traduções que esses dois participantes CP1 e CP4 apresentam são *stricto sensu*. Foi possível a transferência do tópico e do veículo do texto fonte para o texto alvo em razão da congruência metafórica que há entre os contextos culturais das línguas espanhola e portuguesa.

Já o participante CP2 omitiu a metáfora no texto de chegada com a não tradução do vocábulo *parda* e, desta forma, a apreciação do enunciado como um todo fica comprometida. Mesmo assim talvez seja possível supor que o dado apresentado por ele sugere uma busca pela tradução palavra por palavra. No entanto a questão da metáfora não pode ser examinada sem a tradução do termo *parda*.

A omissão do referido termo também acontece na tradução do participante CP3 de forma ainda mais explícita o que leva à omissão da metaforicidade que há no original. Toury (1995, apud KOGLIN, 2008) aponta para a possibilidade dessa ocorrência no texto traduzido. A frase que o participante formula parece descaracterizar o sentido expresso no texto fonte. Talvez isso tenha acontecido, porque não houve percepção da metáfora e pode-se também ter presumido que suprimir uma única palavra do texto não interferiria no sentido do enunciado como um todo. Outro fator que pode ter contribuído para essa atitude é uma possível busca por uma oração mais condensada, já que o grupo foi informado dessa peculiaridade que há na legendação.

A não tradução do termo *parda* pelo participante CP2 e a omissão do termo pelo participante CP3 talvez se devam à confusão de sentido que a palavra pode gerar. Os dicionários bilíngües trazem como tradução para *pardo(a)* do espanhol o

mesmo termo em português, ou seja, seriam semanticamente equivalentes, fato que já se verificou inverídico.

Num comparativo intra-grupo, poder-se-ia indicar a tradução proposta pelo participante CP4 como a mais adequada, pois ela conserva o sentido expresso originalmente e, conseqüentemente, mantém a metáfora conceitual.

A hipótese de que o grupo preocupar-se-ia com o contexto fílmico a que a expressão está vinculada não parece ser possível de se investigar, pois a expressão compõe uma poesia que é recitada na película e que não precisa necessariamente do contexto fílmico para que seja compreendida.

Expressão metafórica 2:

Hay que meterle las cuentas en la cabeza sea como sea.

CP1 – *Tem que meter as contas na cabeça seja como for.*

CP2 – *hai que se mete as contas na cabeça (?) como (?)*.

CP3 – *Tem que aprender as contas seja como for.*

CP4 – *Deve colocar as contas na cabeça dele, de qualquer jeito.*

Os dados aqui apresentados são interessantes e bastante diferentes entre si, assim, vejamos cada um isoladamente.

A tradução que o participante CP1 apresenta altera o sentido originalmente expresso, uma vez que não revela quem precisa aprender a fazer contas. Isso ocorreu porque o pronome *le* (que se refere ao aluno) não foi traduzido. Entretanto, a metáfora conceitual A CABEÇA É UM RECIPIENTE foi mantida. Conseqüentemente, pode-se considerar que houve uma tradução do tipo *stricto sensu*, na qual tópico e veículo da língua fonte foram transportados para a língua alvo.

Já o dado fornecido pelo participante CP2 é um tanto confuso. Percebe-se que ele não conseguiu traduzir todo o enunciado, talvez devido ao baixo nível de proficiência que possa ter em língua espanhola. Há dois indícios que parecem levar a este raciocínio. O primeiro é o provável desconhecimento do significado da expressão *hay que* – tanto que tentou traduzi-la palavra por palavra – e o outro é o aparente desconhecimento de que a palavra *sea* é uma flexão do verbo *ser*.

O participante CP3 realizou uma tradução literal mantendo o sentido do texto fonte. Além disso, produziu uma frase mais curta que as demais, o que pode ter sido consequência das instruções acerca de legendação. Por outro lado, houve o apagamento da metáfora, ou omissão, conforme Toury (1995) diz que pode acontecer.

A tradução que o participante CP4 propõe conserva a metáfora conceitual e também o sentido presente no texto fonte. É uma tradução literal que se adaptou gramatical e contextualmente à língua de chegada. Quanto às sugestões de van den Broeck (1981), ela se enquadra no tipo *stricto sensu*.

As traduções indicadas pelos participantes CP1 e CP4 – salvo alterações na tradução do participante CP1, já mencionadas – refletem a existência da metáfora COMUNICAR É ENVIAR (LAKOFF; JOHNSON, 2002), que concebe as idéias como objetos. Sendo assim, elas podem ser classificadas como metáforas estruturais, pois utilizamos o conceito de objeto para estruturarmos metaforicamente nosso modo de nos referirmos às idéias, conteúdos que aprendemos, etc.

Cotejando os dados fornecidos e observando-se o conteúdo metafórico, pode-se considerar que a tradução sugerida pelo participante CP4 é semanticamente mais adequada que as outras, embora se constitua de uma frase um tanto extensa. Já se examinando apenas a questão técnica da legendação, a proposta do participante CP3 parece mais conveniente por ser mais condensada.

Expressão metafórica 3:

Ya ve usted que manteca.

CP1 – *Já vê você que manteiga.*

CP2 – *Já vê você que (?).*

CP3 – *Vê que frouxo.*

CP4 – *Cozinha como manteiga.*

A partir da observação dos dados talvez se possa dizer que o sentido da expressão a ser traduzida não foi acessado por todos os indivíduos, dada a diversidade de sugestões de tradução que são expostas.

Parece que a dificuldade está nas duas primeiras palavras do enunciado *ya ve*, que se traduzida palavra por palavra para o português tem-se *já vê*. Todavia, contemplando-se a situação em que a expressão é empregada no filme, constata-se que o personagem está se referindo ao futuro e, nesse caso, talvez a tradução mais indicada seja *verás*.

O pronome de tratamento *usted* também parece surtir alguma dúvida nos participantes, pois ora é traduzido como *você* e ora é omitido da tradução. Acredita-se que sua omissão não tenha prejudicado o sentido originalmente expresso, como é o caso do dado fornecido pelo participante CP4.

O participante CP1 recorreu novamente à tradução palavra por palavra, mas o enunciado produzido por ele parece não ter muito sentido no contexto brasileiro. No entanto, pode-se considerar que a metáfora foi conservada na tradução devido à utilização do vocábulo *manteiga*. Do mesmo modo que na língua espanhola, o uso do termo manteiga em português pode remeter ao sentido de algo macio.

Essa suposição confirma-se com a tradução que o participante CP4 apresenta, pois naquela frase a palavra é usada para mencionar que a carne dos frangos tem fácil cozimento, ou seja, que é macia.

Aparentemente o participante CP2 também tentou realizar tradução palavra por palavra, mas não concluiu a frase. Em vista disso, não é possível analisar o dado por completo.

A tradução proposta pelo participante CP3 fugiu do sentido original e não tem qualquer relação com o contexto fílmico. Se considerarmos que o vocábulo *frouxo* não possui o mesmo valor semântico que *manteiga*, então verificamos que, nesse caso, houve o apagamento da metáfora (TOURY, 1995).

Por outro lado, é interessante a proposta do participante CP4, pois ele interpretou o uso da palavra *manteca* como *de fácil cozimento*. Assim, a construção que propõe é um caso de substituição de metáfora da língua fonte por outra com sentido correspondente na língua alvo (VAN DEN BROECK, 1981).

O conceito metafórico de que ALIMENTOS TÊM CONSISTÊNCIA também se sustentou. Pode-se dizer que nesse caso há o que se costuma chamar de comparação, que seria uma metáfora com a presença do conectivo *como*.

Talvez essa tradução seja a que agrega todas as hipóteses levantadas, ou seja, de que o grupo poderia formular textos que demonstrassem preocupação com

o contexto fílmico, que seriam frases mais condensadas e próximas da maneira como se expressaria o mesmo enunciado oralmente.

Expressão metafórica 4:

A que no sabes de donde vienen las patatas.

CP1 – *A que não sabes de onde vem as batatas.*

CP2 – *A que não sabes da onde vêm as batatas.*

CP3 – *Não sabes de onde vem as batatas.*

CP4 – *Aposto que não sabes de onde vêm as batatas.*

Mais uma vez a tradução palavra por palavra é a escolha dos participantes CP1 e CP2. Essa opção acabou comprometendo o sentido dos textos produzidos por eles na língua de chegada.

Pode-se supor que o participante CP3 também tenha buscado uma tradução palavra por palavra, no entanto ele omite as duas primeiras palavras do enunciado fonte e, conseqüentemente, o texto traduzido não conserva o sentido que o texto fonte possui. Em razão disso, talvez se essa frase fosse legendada no DVD poderia comprometer a compreensão da cena a que ela está ligada.

Conforme exposto anteriormente, provavelmente os participantes desconheçam a acepção, bem como o emprego da expressão *a que no sabes*. Talvez por isso não a tenham tratado como uma expressão idiomática, cuja tradução não pode considerar o sentido de suas palavras isoladamente²⁷.

O participante CP4, por sua vez sugere uma tradução que pode ser classificada como adequada num comparativo com as demais. O participante demonstra ter conhecimento lingüístico suficiente para realizar a tradução da expressão apresentada e não alterar o sentido que o texto fonte expressa. Pode-se considerar que a tradução proposta por ele é mais conveniente até que a que está legendada no DVD, pois o legendador também alterou o sentido da língua fonte (ver seção 4.1).

²⁷ Cabe destacar que se acredita que na tradução de qualquer texto, seja ele uma expressão ou um livro inteiro, não se pode tomar o sentido isolado das palavras, mas é preciso considerar o contexto como um todo. Além disso, a semânticidade das palavras também é algo bastante variável e não um fato dado, estanque e imutável.

Contudo, apesar de a maioria das traduções comprometerem a equivalência semântica, a metáfora conceitual COMIDAS MIGRAM foi mantida por todos os participantes. Isso provavelmente tenha ocorrido em função da correspondência que há entre as culturas do par lingüístico em conceber os alimentos como entidades que podem ir de um lugar ao outro.

Todos os participantes mantiveram em suas traduções o enunciado *de onde vêm as batatas*, corroborando o postulado de Lakoff e Johnson (2002) de que mapeamos conceitos de um domínio fonte (pessoas) para nos referirmos a um domínio alvo (alimentos).

Expressão metafórica 5:

Me besa y la cabeza se me llena de campanas.

Me abraza y estoy abrazando el cielo.

CP1 – *Me beija e a cabeça se enche de sinos.*

Me abraça e estou abraçando o céu.

CP2 – *Me beija e a cabeça cheia de (?). Me abraça e estou abraçando o céu.*

CP3 – (?).

CP4 – *Me beija e ouço sinos tocando.*

Me abraça e é como abraçar o céu.

O participante CP1 propõe uma tradução literal para a primeira frase, pois não parece possível uma tradução palavra por palavra devido às diferenças gramaticais entre as línguas. Essas diferenças não existem na segunda frase e, nesse caso, a tradução palavra por palavra é admissível.

A tradução da primeira frase deixa transparecer seu conteúdo metafórico, o qual concebe a cabeça como um recipiente e que se podem colocar coisas dentro como *sinos*, por exemplo. Porém, parece ser uma construção frasal de pouca frequência de uso em nosso contexto e que pode gerar estranhamento ao público alvo da tradução.

Acredita-se que a sugestão de tradução do participante CP4, para a primeira frase, seja semanticamente mais adequada que as demais. Ele a interpretou e

substituiu a metáfora por outra com significação equivalente da língua de chegada (VAN DEN BROECK, 1981).

Além disso, trata-se de um enunciado mais sucinto, o que vai ao encontro das exigências da legendação, assim, poder-se-ia especular que o participante CP4 traduziu levando em conta as instruções que este grupo recebeu sobre essa tipologia tradutória.

Talvez a primeira expressão tenha gerado certa dificuldade aos participantes, pois o participante CP2 não concluiu sua tradução, e o participante CP3 não a traduziu. Essa dificuldade parece ter emergido da presença da metáfora que, por sua vez, ou não teve seu sentido acessado ou não se encontrou uma forma de adaptá-la à língua de chegada.

Quanto à segunda frase, os participantes CP1 e CP2 novamente recorreram à tradução palavra por palavra, sem comprometimento do conteúdo semântico, pois é provável que o telespectador não acesse o sentido *literal* de *abraçar o céu*, mas interprete o enunciado metaforicamente.

A tradução que o participante CP4 produz fornece um dado interessante, pois há uma comparação entre o ato de ser abraçado e o modo como ele se sente – abraçando o céu. O enunciado conduz a uma discussão acerca dos limites entre o que é metáfora e o que é comparação.

A visão tradicional da metáfora diz que ela é uma comparação elíptica, ou seja, aquela na qual o conectivo não se faz presente. Entretanto, como a abordagem adotada neste estudo é a que considera a metáfora pelo prisma cognitivo, a inserção ou não do conectivo não interfere na realização da metáfora conceitual O CONTATO FÍSICO ALTERA NOSSOS SENTIDOS. Desse modo, todas as traduções apresentadas podem ser vinculadas à metáfora conceitual O CONTATO FÍSICO ALTERA NOSSOS SENTIDOS.

Expressão metafórica 6:

Mi pobre mujer. Se fue, con veintidós años.

CP1 – *Minha pobre mulher. Se foi, com vinte e dois anos.*

CP2 – *Minha pobre mulher. Se foi com 22.*

CP3 – (?)

CP4 – *Minha pobre mulher. Foi-se com 22 anos.*

Embora o participante CP2 tenha omitido de sua tradução a palavra *años* e o participante CP4 tenha invertido a ordem do verbo e do pronome (Se fue à Foi-se), seguindo às normas gramaticais da língua de chegada, pode-se considerar que as traduções sugeridas para essa expressão também são do tipo palavra por palavra.

O recurso de apresentar a tradução do numeral na forma arábica ao invés da forma por extenso possivelmente tenha sido consequência das exigências de legendação que, além de serem condensadas para economizar espaço, também economiza tempo de leitura. Essa estratégia pode ser observada atualmente nas legendas de alguns filmes.

Ambas as traduções constituem o que van den Broeck (1981) define como tradução *stricto sensu*, na qual tópico (morrer) e veículo (partir) são transportados de uma língua para outra.

Já no que tange à tipificação de metáfora, ela pode ser classificada como metáfora estrutural, pois é a conceituação que temos de *partir* que nos permite conceber o *morrer* da forma como o concebemos e não de outra.

Expressão metafórica 7:

Los libros son como un hogar.

En los libros...

Podemos refugiar nuestros sueños para que no mueran de frío.

CP1 – *Os livros são como um lugar.*

Nos livros...

podemos refugiar nossos sonhos para que não morram de frio.

CP2 – (?)

CP3 – (?)

CP4 – *Os livros são como um lar.*

Nos livros...

Podemos refugiar os sonhos para que não morram de frio.

Mais uma vez os participantes CP1 e CP4 propõem tradução palavra por palavra, o que não parece prejudicar nem o sentido nem a compreensão do texto alvo. Como consequência dessa escolha, geraram-se traduções *stricto sensu*, isto é, transposição de tópico e veículo da língua de partida para a língua de chegada.

Apesar de o sentido metafórico ter permanecido no texto traduzido, os dados apresentados não trazem evidências que conduzam à constatação de que tenha havido ou não percepção da linguagem metafórica.

Em relação às hipóteses de preocupação com o contexto fílmico, produção de enunciados mais curtos e geração de frases mais próximas à oralidade, elas se confirmaram em alguns casos. Podem ser observadas principalmente nas sugestões de tradução do participante CP4, que aparenta ter um nível satisfatório de proficiência em língua espanhola.

4.2.4 Análise comparativa inter-grupos

Observando-se as traduções produzidas pelos grupos de participantes, é possível verificar o predomínio das traduções do tipo palavra por palavra, enquanto as do tipo literal tiveram um número significativamente reduzido de ocorrências. A escolha pela tradução palavra por palavra, em alguns casos, alterou o sentido originalmente expresso chegando até mesmo a gerar frases sem sentido na língua de chegada.

Talvez a grande quantidade de traduções palavra por palavra seja consequência do uso da tradução em sala de aula como ferramenta de auxílio de ensino de significado. A respeito disso Philipps (2003)²⁸ diz que, ao tentar descobrir o significado de uma palavra em L2, é comum associar-se a ela uma palavra ou expressão da língua-mãe e que, em geral, os alunos não questionam o significado das palavras.

Acredita-se que a maneira como os professores de língua estrangeira comportam-se frente à busca por equivalências entre as línguas contribua para

²⁸ Em sua dissertação de mestrado, a autora investigou a relação entre o discurso de alguns professores de língua inglesa da Universidade do Vale do Itajaí e suas práticas de sala de aula. Constatou que há certo preconceito quanto a explicitar que se usa a tradução como ferramenta de ensino, mas que, ao mesmo tempo, ela é bastante freqüente no cotidiano de ensino. Os professores costumam pronunciar frases em língua estrangeira e logo em seguida pronunciá-las em língua portuguesa.

perpetuar “nossa fé na existência autônoma das palavras e na convicção inconsciente de que a cada palavra de uma língua necessariamente corresponde outra noutra língua qualquer” (RÓNAI, 1981, p.34). Nas expressões que os participantes foram convidados a traduzir, havia casos em que não era possível desconsiderar um conjunto de termos para que se acessasse o sentido do texto fonte, como nas expressões *hay que* e *a que no sabes*.

No que se refere às possibilidades de tradução de metáforas prevaleceram as do tipo *stricto sensu* (VAN DEN BROECK, 1981). Parece que há uma correspondência de conceituação metafórica entre as línguas, o que acabou permitindo este tipo de tradução. Além disso, a própria escolha pela tradução palavra por palavra parece ter motivado a ocorrência de traduções *stricto sensu*. O fato de não ter havido nenhum caso de paráfrase pode levar à conclusão de que parece difícil que ela ocorra no contexto da legendação, pois comumente ela gera frases mais extensas que as do texto fonte, o que diverge da exigência por enunciados mais sucintos neste contexto. Ao contrário dos dados relativos às legendas do DVD, nos dados fornecidos pelos grupos apareceram casos de omissão de metáfora, o que exigiu a inserção da proposta de complementação de Toury (1995, apud KOGLIN, 2008); entretanto, não houve nenhuma ocorrência das outras duas possibilidades de tradução de metáforas citadas por ele²⁹.

Cabe salientar que tanto as traduções palavra por palavra ou literal; *stricto sensu*, substituição ou omissão apareceram em todos os grupos independentemente dos estímulos que cada um recebeu. Igualmente, em todos os grupos apareceram traduções que alteraram o sentido do texto fonte, talvez porque ou ele não tenha sido acessado ou por haver um aparente baixo nível de proficiência na língua estrangeira. Houve ainda casos de traduções que não se adaptaram às exigências gramaticais da língua alvo. Dessa forma, acredita-se que as variáveis acesso ao filme e instrução acerca de legendação não interferiram nesses resultados.

Quanto aos diferentes estímulos que os grupos receberam constata-se que o participante CP4 chegou a produzir uma frase (ver expressão metafórica 3) mais condensada e mais próxima da forma oral, que são duas das exigências da legendação. Além disso, esta mesma tradução parece revelar certo cuidado com o contexto fílmico em que aparece.

²⁹ As outras duas possibilidades de tradução de metáforas citadas por Toury (1995, apud KOGLIN, 2008) e já mencionadas na seção 4.2.1 são: não metáfora em metáfora e inserção de metáfora.

Dentro do grupo A, que teve contato apenas com o texto escrito, surgiu um dado curioso, pois o participante AP2 realizou uma tradução condensada e próxima da oralidade (ver expressão metafórica 2). Essa mesma tradução pode ainda ser considerada mais adequada do que aquela apresentada na legenda do DVD. Provavelmente isso se deva ao seu alto nível de proficiência na língua espanhola.

As traduções dos participantes AP2 e CP3 para a expressão metafórica 2 parecem sugerir que houve percepção da presença da metáfora e em ambos os casos ela foi substituída por outra da língua alvo. Nos casos de tradução de metáfora *stricto sensu* não parece ser possível afirmar que ela tenha sido percebida, já que essa escolha acabou sendo gerada como consequência da tradução palavra por palavra.

Esperava-se que as traduções dos grupos B e C demonstrassem maior preocupação com o contexto fílmico no qual as expressões estão legendadas, mas essa hipótese não se confirmou, apesar de esses grupos terem realizado as traduções após assistir ao filme. Talvez o ideal seria que – tanto legendadores novatos quanto profissionais – pudessem assistir ao filme tantas vezes quantas fossem necessárias³⁰ para produzir legendas satisfatórias, pois mesmo as que o DVD apresenta nem sempre são adequadas.

Supunha-se que as traduções dos grupos A e B apresentariam frases mais extensas em relação às produzidas pelo grupo C, já que este último foi informado que a legendação é um tipo de tradução que prima por frases condensadas, mas também nesse quesito as produções de ambos os grupos aproximaram-se. Novamente, destaca-se a qualidade e adequação de tradução do participante AP2 para a expressão metafórica 2.

Um dado interessante, e também comum a todos os grupos, foi que, embora algumas vezes o sentido do texto fonte tenha sido alterado (com o emprego dos termos *parda* e *crepúscula* para *parda*, por exemplo), o conceito metafórico das expressões foi mantido. Talvez isso corrobore a afirmativa de Lakoff e Johnson (2002) de que nosso modo de pensar é metafórico por natureza. E por pensarmos dessa forma e também por haver equivalência conceitual entre as línguas é que se faz possível traduzir certas expressões.

³⁰ Entretanto, sabe-se que muitas vezes o legendador é solicitado a realizar a tradução sem ter assistido ao filme e no caso de poder assisti-lo, provavelmente aconteça uma única vez, já que não parece haver tempo disponível para checar eventuais dúvidas.

Em suma, acredita-se que o fator determinante para os resultados obtidos foi o nível de proficiência em língua espanhola que, se em alguns casos comprometeu a manutenção do sentido do texto fonte, em outros possibilitou a construção de traduções bastante interessantes e algumas mais adequadas que as que o DVD apresenta.

Outro fator que pode ter contribuído talvez seja o pouco contato dos estudantes com atividades práticas de tradução em sala de aula. Quando elas acontecem, sabe-se³¹ que costumam envolver outros gêneros textuais e não a legendação. Além disso, mesmo nas disciplinas de língua estrangeira nas quais se pratica alguma tarefa tradutória, ela é feita sem qualquer embasamento teórico. Apesar de constar no *site* do Curso que os graduandos estarão aptos para desempenhar a profissão de tradutor não há nenhuma disciplina específica relativa aos Estudos da Tradução.

4.2.4 Análise do título

Apesar de o título não constituir parte fundamental para a compreensão total de um filme, não se pode negar a importância dele. Sua finalidade principal é atrair o telespectador, embora haja casos em que esse objetivo parece ser frustrado³². Além disso, o título pode deixar transparecer (ou ocultar) algo do próprio enredo.

O motivo que levou à análise do título do filme aqui utilizado foi seu caráter metafórico, pois, como as borboletas não falam, trata-se de um exemplo de personificação, na qual se atribui a elas a característica humana de comunicar-se verbalmente. Pode-se considerar também que o título dá margem a uma dupla interpretação: que ou as borboletas possuem uma forma de comunicação, ou que se trata da língua (órgão) das borboletas. No decorrer da película, constata-se que o título faz menção ao órgão propriamente dito, numa passagem em que o professor (Don Gregorio) explica ao aluno (Moncho) o funcionamento da língua das borboletas no instante que elas sentem o cheiro do néctar das flores.

³¹ Como a pesquisadora graduou-se nessa mesma instituição e teve aulas de língua espanhola com os mesmos professores, sabe como são conduzidas as tarefas de tradução.

³² A exemplo disso, veja-se a seguir a tradução que o título original do filme espanhol “La lengua de las mariposas” recebeu em língua inglesa.

Para Herrick (2005) e Arce (2004), há uma relação metafórica do título com a sociedade espanhola retratada no filme. As autoras argumentam que o comportamento das borboletas em contato com a flor é similar ao do povo espanhol da época, que aspira por liberdade. Além disso, cabe mencionar que o professor passa todo o filme esperando por um microscópio que possibilitaria que os alunos vissem o funcionamento da língua das borboletas, mas este só chega após sua aposentadoria e, assim, os alunos são impedidos de ver a língua das borboletas.

4.2.4.1 As traduções do título

No que se refere às traduções que o título recebeu, merecem atenção as encontradas nas línguas inglesa e portuguesa. Apresenta-se, a seguir, um estudo comparativo entre estas traduções e o título original, bem como a relação dos títulos nos três idiomas com as respectivas capas dos DVDs.

A capa do DVD em língua espanhola é a seguinte:

Figura 1 Capa do DVD em espanhol



A primeira vista, pode parecer contraditória a relação entre o título do filme e a figura que ilustra a capa do DVD, pois se trata de uma imagem de agressividade, aparentemente incoerente com um título quase poético. Essa figura é uma das cenas do filme, mostrada ao final quando só então a relação entre ela e o título é compreendida. A cena retrata o momento em que Don Gregorio é preso, e Moncho é obrigado por sua família a xingá-lo e a atirar-lhe pedras. Metaforicamente, há o impedimento do contato entre “língua” e “flor” que representariam, respectivamente, o povo espanhol e a liberdade aspirada por ele (HERRICK, 2005).

Veja-se a seguir a capa do DVD em português.

Figura 2 - Capa do DVD em português



A tradução do título ao português pode ser considerada satisfatória, pois parece ter havido a manutenção da ambigüidade e do sentido pretendido pelo original. Entretanto, a cena escolhida para estampar a capa do DVD parece transmitir uma serenidade, um bucolismo, que não estão presentes no original. Uma conseqüência dessa escolha pode ser a expectativa que produzirá no futuro telespectador, uma expectativa diversa da que conta a história. Ao deparar-se com esta imagem, provavelmente não se suporia que o filme conta parte da história da Espanha no período pré-guerra civil.

Já a capa do DVD em inglês é a seguinte:

Figura 3 - Capa do DVD em inglês



O título e a capa que o DVD recebeu na versão em inglês talvez sejam os que mais descaracterizam a obra. Pode-se considerar que a tradução de “La lengua de las mariposas” por *Butterfly* não mantém certas características presentes no original, tais como: a ambigüidade de sentido e a metafóricidade do título, nem a agressividade que o original faz entrever.

Relacionando-se título e figura escolhidos para esta versão da película, talvez se possa dizer que o futuro telespectador seja levado a pensar que se trata de um filme que fale sobre borboletas, simplesmente.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tratou do tema da metáfora sob o prisma da teoria cognitiva, bem como da tradução de expressões metafóricas no contexto da legendação. Optou-se por investigar esse assunto por considerá-lo relevante academicamente, já que a tradução de metáforas geralmente constitui um desafio ao tradutor, e a legendação, por sua vez, está fortemente condicionada a características técnicas que limitam o trabalho do tradutor. Além disso, há carência de estudos que considerem a metáfora no âmbito da tradução cinematográfica.

O estudo consistiu em análise e discussão de dois conjuntos de dados, o primeiro foi composto de sete expressões metafóricas extraídas do texto oral do filme espanhol “La lengua de las mariposas” (1999) num comparativo com as traduções que essas mesmas expressões apresentam no DVD do filme; o segundo conjunto formou-se a partir de pesquisa empírico-experimental com a colaboração de um grupo de estudantes do Curso de Letras da Universidade do Vale do Itajaí (habilitações nas línguas portuguesa e espanhola).

Os estudantes efetuaram as traduções das expressões metafóricas analisadas no primeiro momento da pesquisa, após terem sido distribuídos em três grupos (A, B e C) e recebido diferentes intervenções. O grupo A teve contato apenas com os excertos a serem traduzidos, o grupo B assistiu ao filme antes de realizar a tarefa tradutória e o grupo C, além de ter assistido previamente ao filme, recebeu instruções de ordem técnica relativas ao tipo de tradução: legendação.

Com essa divisão dos participantes em grupos e a partir das diferentes intervenções objetivava-se observar a interferência do acesso ao filme e das instruções sobre legendação. A análise dos dados considerou as seguintes hipóteses gerais:

- Se haveria diferenças significativas entre as traduções dos grupos devido aos estímulos que cada grupo recebeu;
- Se os participantes perceberiam a presença da metáfora;
- Por qual tipo de tradução os participantes optariam: literal ou palavra por palavra, bem como o que pode ter levado à opção por uma das duas.

Procurou-se classificar os dados dentro de uma das possibilidades de tradução de metáforas propostas por van den Broeck (1981) – *stricto sensu*, paráfrase e substituição - ou da proposta complementar a essas possibilidades levantadas por Toury (1985, apud KOGLIN, 2008) – omissão, não metáfora em metáfora e inserção de metáfora.

Com base nos dados coletados junto aos participantes, foi possível averiguar que houve predominância da tradução palavra por palavra e *stricto sensu*. Esta última estratégia de tradução parece ser decorrência da primeira. Provavelmente é a proximidade entre as línguas envolvidas na tradução que permitiu tantas ocorrências da tradução palavra por palavra. A constante opção por esta estratégia de tradução parece revelar certo receio em extrair algo do original, de não estar sendo fiel a ele.

Um dado curioso foi que, apesar de o grupo C ter sido conscientizado das exigências técnicas da legendação, suas produções pouco divergiram das dos outros dois grupos. Em razão disso, acredita-se que o fator determinante para os resultados obtidos nesta pesquisa foi o nível de proficiência em língua espanhola, embora os participantes estivessem cursando o penúltimo semestre da graduação.

Quanto à tradução de metáforas, especificamente, houve casos em que os conceitos metafóricos foram mantidos apesar das alterações de sentido do texto fonte. Essa manutenção sugere que há conceituações metafóricas equivalentes nos contextos das línguas espanhola e portuguesa. Em razão disso, acredita-se que talvez a metáfora não tenha sido percebida como tal, pois essas conceituações estão intrínsecas em nosso pensamento e em nossa linguagem.

Os resultados corroboram a afirmativa de que o ato de traduzir não consiste numa atividade mecânica de substituição de palavras entre línguas, mas que há um contexto a ser considerado (RÓNAI, 1981). Na tradução de metáforas, talvez mais que em outros tipos de tradução, é preciso contemplar a relação que há entre as palavras e seu contexto sócio-histórico-cultural.

No caso específico da legendação, é oportuno destacar a impossibilidade de se fazer uso de paráfrase ou de notas para explicar as escolhas do tradutor. O emprego desses recursos parece constituir uma solução para a tradução de metáforas em outras esferas tradutológicas.

Em face do exposto, acredita-se na necessidade do desenvolvimento de outras pesquisas sobre legendação, as quais poderiam contribuir (pelo menos) em dois pontos: para se refletir sobre as condições e os condicionantes do trabalho do

legendador, e para incrementar a literatura da área. O trabalho do legendador poderia ter o devido reconhecimento, já que, muitas vezes, ele não é considerado como profissional e costuma receber inúmeras críticas do público. Os telespectadores, por sua vez, geralmente desconhecem a necessidade de se respeitar normas técnicas, que elas limitam a tarefa, que muitas vezes se traduz somente a partir do texto escrito sem poder vinculá-lo às cenas da película, que os prazos geralmente são curtos e, ainda, que o texto final pode ser manipulado por terceiros antes da legendagem. No que se refere à literatura, poderia haver a produção de bases teóricas condizentes com a realidade brasileira, visto que a grande maioria das obras que se tem acesso é proveniente de outros países (contextos).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V.L.S. Glossário bilíngüe de clichês para legendagem e dublagem. *The ESPecialist*, v.23. n.2, p.139-154. 2002.

_____. Closed subtitling in Brazil. In: ORERO, P. (Org.). *Topics in Audiovisual Translation*. Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins, 2004.

ARCE, T. G. El texto migratório: nota sobre la adaptación cinematográfica de tres cuentos de Manuel Rivas. *Alpha*, Santiago, Chile, n.20, dez, 2004, p.135-150. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22012004000200009&lng=es&nrm=iso?> Acesso em: 20/06/2006.

ARDUINI, S. Metáfora y cultura en la traducción. In: *TONOS – Revista Eletrónica de Estudios Filológicos*. n. 4, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.um.es/tonosdigital/znum4/estudios/metaforacultura.htm>>. Acesso em: 14/06/2006.

AUBERT, F. H. *As (in fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

BASSNETT-McGUIRE, S. *Estudos de Tradução: fundamentos de uma disciplina*. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gubbenkian, 2003. 242 p. Título original: Translation Studies.

CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANOLLA, C. As Metáforas da Produção: Reflexões Sobre o Discurso de Operárias. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, vol. 16, n. 1, p. 55 – 82, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4502000000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 novembro 2006.

CARVALHO, M. B.; SOUZA, A. C. As metáforas e sua relevância no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. *Fragmentos*. Florianópolis, 2005, n. 24, p. 29-44.

DRIES, J. *Dubbing and subtitling: guidelines for production and distribution*. Düsseldorf: The European Institute for the Media, 1995.

DUBOIS, J. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 2001.

FAWCETT, P. Translating Film. In: HARRYS, G. (Ed.) *On translating French literature and film*. Amsterdam/ Atlanta: Rodopi, 1996. p. 65-87.

FLAVIAN, E. e FERNÁNDEZ, G. E. *Minidicionário espanhol-português/ Português-espanhol*. São Paulo: Ática, 2001.

GIBBS, R. W. *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GOHN, C. Informação verbal. *Legendagem (filmes indianos) teoria e prática*. Minicurso. 10 e 11 ago. 2006. 12h/a. Universidade Federal de Santa Catarina.

GONÇALVES, J.L.V.R. Processos inferenciais relacionados à priorização de informações na tradução de legendas de filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do Princípio da Relevância. In: ALVES, F. (Org.) *Teoria da Relevância e Tradução: conceituações e aplicações*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p.109-129.

GOTTLIEB, H. In: M. BAKER. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/ New York: Routledge, 1998. p. 244-248.

HERRICK, D. I. *La lengua de las mariposas: título, metáfora y presagio*. 2005. Disponível em: <<http://www.clas.ufl.edu/users/alasbrun/Cursos/2005/SPW6396/presentaciones/dherrick2.html>>. Acesso em: 20/06/2006.

HOLMES, J. The Name and Nature of Translation Studies. In: *Translated! Papers on Literary Translation and Translations Studies*. Amsterdam: Rodopi, 1988.

JAKOBSON, R. On linguistics aspects of translation. In: BROWER, R. A. (Org.) *Style in Language*. Cambridge/ Massachusetts: MIT Press, 1959, p.350-77.

KARAMITROGLOU, F. *Towards a Methodology for the Investigation of Norms in Audiovisual Translation: The Choice between Subtitling and Revoicing in Greece*. Amsterdã e Atlanta: Rodopi, 2000.

KOGLIN, A. *A tradução de metáforas geradoras de humor na série televisiva Friends: um estudo de legendas*. 2008. 99f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

KÖNIGS, F.G.; ROTHE-NEVES, R. Conceitos centrais do tratamento científico da tradução a partir de F. G. Königs. In: VIEIRA, E. R. P. (Org.) *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, 1996, p.262-280.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução do grupo GEIM. Campinas: EDUC, 2002. Título original: *Metaphors we live by*.

LA LENGUA de las mariposas. Filme e direção de José Luis Cuerda. Roteiro de Rafael Azcona. Produção de Fernando Bovaira e José Luis Cuerda. Madrid: Pandora Films, Warner Home Vídeo, 1999. 1 DVD (96 min) son. Color. Legendado. Port.

LUYKEN, G.-M. *Overcoming language barriers in television: Dubbing and subtitling for the European audience*. Manchester: The European Institute for the Media, 1991.

MALTA, J.C. *O desenvolvimento da metacognição da metáfora: uma experiência de ensino*. 2000. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 12 – 34.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MELLO, G.M.G.G. *O tradutor de legendas como produtor de significados*. 2005. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

Michaelis on-line. Disponível em:

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=cor>. Acesso em: 28/05/2008.

Minidicionário Saraiva. *Espanhol - português – espanhol*. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

NUBIOLA, J. *El valor cognitivo de las metáforas*. Universidad de Navarra, Espanha. 2000. Disponível em: <http://www.unav.es/users/ValorCognitivoMetaforas.html>. Acesso em: 23/08/2006.

PEREIRA, H. B. C. *Michaelis: dicionário escolar espanhol-português, português-espanhol*. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

PHILIPPS, C. C. E. *O uso discriminado e indiscriminado da tradução como estratégia de ensino de língua inglesa*. 2003. 66f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Mestrado Acadêmico em Educação, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.

RICOUER, P. *A metáfora viva*. Porto: Res, 1983.

RÓNAI, P. *A tradução vivida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

RUSSELL, P. *O buraco branco no tempo*. Nossa Evolução Futura e o Significado do Agora. Tradução de Merle Scoss. São Paulo: Aquariana, 1992.

SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach. *Journal of Pragmatics*. n. 36, p. 1253-1269, 2004.

SHUTTLEWORTH, M. & COWIE, M. *Dictionary of Translation Studies*. Manchester, UK: St. Jerome, 1997.

SOUZA, A.C. *Leitura, metáfora e memória de trabalho: três eixos imbricados*. 2004. 231f. Tese (Doutorado em Linguística) Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Tradução e Leitura de Metáforas nas Legendas de Filmes. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, 12 p. artigo aprovado para publicação.

THUNES, M. Classifying translational correspondences. In Johansson S.; Oksefjell S.(Org.). *Corpora and cross-linguistic research: theory, method and case studies*. Amsterdam / Atlanta: Rodopi, 1998, p. 25-49.

TRINDADE, E. In: *Conversas com Tradutores: Balanços e Perspectivas da Tradução*. BENEDETTI, I.; SOBRAL, A. (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ. *Letras – Itajaí*. Apresenta o campo de atuação do profissional e para que o graduado é habilitado. Disponível em: <www.univali.br>. Acesso em: 23 de outubro de 2006.

van den BROECK, R. The limits of translatability exemplified by metaphor translation. In: *Poetics Today*. v. 2, n. 4, p. 73 – 87, 1981.

VÁZQUEZ-AYORA, G. *Introducción a la traductología: curso básico de traducción*. Washington, D.C., USA: Georgetown University Press, 1977.

WILLIAMS, J. & CHESTERMAN, A. *The Map. A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*. Manchester, UK: St. Jerome, 2002.

ANEXOS

Anexo A

Legendação.

Parte do diálogo falado à tradução escrita (DRIES, 1995).

Sincronia:

Por meio dela que se dá a harmonia entre os canais acústicos e visuais (texto, imagem e som).

É fundamental o equilíbrio entre a imagem, o tempo de fala, o som original e o texto escrito.

O texto legendado é quase sempre menor que o texto original, uma vez que falamos mais do que escrevemos.

Os softwares usados no Brasil possuem as seguintes relações de caracteres por segundo:

SOFTWARES	TEMPO	CARACTERES
SOFTWARE 1	1s à	14
	2s à	28
	3s à	42
	4s à	56
SOFTWARE 2	1s à	15
	2s à	30
	3s à	45
	4s à	60
SOFTWARE 3	1s à	16
	2s à	32
	3s à	48
	4s à	64

Os caracteres são distribuídos em um máximo de 2 linhas.

Entre uma legenda e outra geralmente há um intervalo de aproximadamente 1 segundo.

O tempo de exposição na tela recomendado é de no mínimo 1,15 segundo.

A linguagem:

O texto, apesar de escrito, precisa ser próximo à forma oral.

O telespectador:

Para a compreensão geral da obra o espectador precisa ter uma boa competência leitora, já que, conforme visto no quadro anterior, ele dispõe de aproximadamente 4 segundos para decodificar o texto apresentado em mais ou menos 60 caracteres.

As legendas mutilam a película.

Os legendadores:

Quanto menos melhor.

Referências.

ARAÚJO, V.L.S. Glossário bilíngüe de clichês para legendagem e dublagem. The ESPECIALIST, v.23. n.2, p.139-154. 2002.

DRIES, J. Dubbing and subtitling: guidelines for production and distribution. Düsseldorf: The European Institute for the Media, 1995.

GOHN, C. Informação verbal. 2006. Legendagem (filmes indianos) teoria e prática. Mini-curso. 10 e 11 ago. 2006. 12h/a. Universidade Federal de Santa Catarina.

MELLO, G.M.G.G. O tradutor de legendas como produtor de significados. 2005. 187 f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MONTEIRO, E.M. A escolha dos tempos verbais no processo da legendagem e dublagem. Disponível em:
http://www4.uninove.br/ulisses/inove/pdf/elaine_m._monteiro_8A3_2004.pdf Acesso em: 03/04/2007.

SOUZA, A.C. Tradução e Leitura de Metáforas nas Legendas de Filmes. Cadernos de Tradução. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. Em fase de impressão e lançamento.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

NOÇÕES BÁSICAS SOBRE TRADUÇÃO E LEGENDAÇÃO:
MINI-CURSO

2007

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	2
2. A PÓS- GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO	3
3. A ÁREA DE PESQUISA CHAMADA E. T.	4
3.1 Onde tudo começou	4
3.2 Um novo mapa	4
3.3 O cenário nacional	4
4. CONCEITOS BÁSICOS	5
4.1 Tipos de tradução	5
4.2 Discussões inquietantes	5
5. AS PARTICULARIDADES DA LEGENDAÇÃO	7
5.1 Legendação X Legendagem	7
5.2 Legendação X Dublagem	7
5.3 Tipos de legendação	7
5.4 A tecnicidade da legendação	8
5.5 Algumas características da legendação	8
6. OBRAS E SITES DE INTERESSE	9
REFERÊNCIAS	11

1. INTRODUÇÃO

Este material foi elaborado para o curso “Noções básicas sobre tradução e legendação”, a ser proferido pela mestranda da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, Sila Marisa de Oliveira³³, aos alunos do curso de Letras da Univali de Itajaí.

A iniciativa para a realização desse curso partiu da própria mestranda e de sua orientadora, Prof^o. Dr^a. Ana Cláudia de Souza³⁴, como forma de retribuir a pronta colaboração dos alunos da Univali em participar da pesquisa desenvolvida pela mestranda.

Os assuntos aqui abordados foram selecionados pelas organizadoras e visam levar ao acadêmico, que se encontra em fase de conclusão de seu curso de graduação, um maior conhecimento sobre a área de Estudos da Tradução e, mais especificamente, sobre o tipo de tradução chamado legendação.

Desta forma, nas primeiras páginas o aluno encontrará algumas informações acerca do primeiro programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução criado no Brasil, que funciona na Universidade Federal de Santa Catarina. Em seguida, faz-se um breve comentário sobre o início da disciplina Estudos da Tradução, por meio de um mapeamento feito no Brasil das pesquisas realizadas. A seguir, apresentam-se alguns conceitos básicos pertinentes à área e, na seção subsequente, aborda-se mais especificamente a questão da legendação. Por fim, disponibiliza-se uma relação de obras e sites que o interessado em ingressar nesse campo de estudos pode pesquisar.

³³ silamari@gmail.com

³⁴ anacs3@yahoo.com.br

2. A PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO (PGET)

A Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) foi criada em 2003 e é a primeira no Brasil. Ela visa, principalmente, formar pesquisadores e professores de nível superior na área de tradução.

Os alunos do curso podem optar entre duas linhas de pesquisa:

1 – Teoria, crítica e história da tradução;

2 – Lexicografia, tradução e ensino de línguas.

A duração do mestrado é de no mínimo um e de no máximo dois anos. Durante este tempo o aluno frequenta as aulas do curso, participa de eventos promovidos pela própria PGET e tem o incentivo dos professores para que desenvolva sua pesquisa e outras produções, como artigos e resenhas.

A cada semestre são disponibilizadas novas vagas aos interessados e são também oferecidas disciplinas variadas, tendo muitas vezes, sido ministradas em parceria com professores de outras instituições do país e até mesmo do exterior.

www.pget.ufsc.br

3. A ÁREA DE PESQUISA CHAMADA ESTUDOS DA TRADUÇÃO.

3.1 Onde tudo começou:

O texto considerado fundacional dos Estudos da Tradução foi escrito por James Holmes em 1988 e tem como título “The Name and Nature of Translation Studies”. Neste texto, Holmes apresenta um mapa da disciplina sugerindo possíveis caminhos pelos quais o interessado em desenvolver pesquisas na área pode seguir.

3.2 Um novo mapa:

Mais recentemente, Williams e Chesterman (2002) publicaram um livro chamado “The Map, a beginner’s Guide to Doing Research”, no qual apresentam 12 possíveis áreas de estudo, são elas: Análise Textual da Tradução, Análise da Qualidade da Tradução, Tradução de Gêneros, Tradução para Multimídia, Tradução e Tecnologias, História da Tradução, Ética da Tradução, Terminologia e Glossários, Interpretação, Processo da Tradução, Formação de Tradutores e a Profissão de Tradutor.

3.3 O cenário nacional:

Conforme mencionado na seção anterior, a Universidade Federal de Santa Catarina é a precursora em um programa de pós-graduação específico em Estudos da Tradução. nas demais instituições do país, as pesquisas geralmente são desenvolvidas dentro dos programas de Lingüística.

Trata-se de um campo de estudos embrionário e por isso mesmo bastante atrativo. Tem gerado pesquisas interessantes, as quais já foram parcialmente mapeadas pelas pesquisadoras Maria Lúcia Vasconcellos (UFSC) e Adriana Pagano (UFMG) em 2002. As autoras publicaram um artigo que visa localizar temporal e institucionalmente as modalidades de pesquisas desenvolvidas entre as décadas de 80 e 90 no Brasil, bem como observar a tendência quanto à afiliação teórica dos trabalhos.

4. CONCEITOS BÁSICOS.

4.1 Tipos de tradução:

“No seu artigo ‘Sobre os Aspectos Lingüísticos da Tradução’ Roman Jakobson distingue três tipos de tradução:

- 1) Tradução intralingüística ou *reformulação* (uma interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua).
- 2) Tradução interlingüística ou *tradução propriamente dita* (uma interpretação de signos verbais por meio de outra língua).
- 3) Tradução intersemiótica ou *transmutação* (uma interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas não-verbais).” (Jakobson, 1959, apud Bassnett, 2003 p. 37)

4.2 Discussões inquietantes:

Há termos bastante corriqueiros em textos que tratam o assunto da tradução, muitos deles polêmicos e sobre os quais talvez não se chegue a um consenso. Dentre estes, poder-se-ia citar: fidelidade, equivalência e invisibilidade do tradutor.

Vejamos algumas citações a respeito dos mesmos.

Citação 1:

“o objetivo principal do tradutor deveria ser ficar o mais ‘fiel’ ao original em sua totalidade e ficar ‘invisível’ no texto traduzido, pois o objetivo fundamental de qualquer tradução seria a ‘reprodução’ do ‘original’ em outro código (Bohunovsky, 2001, p.52).”

Citação 2:

“a “fidelidade” na tradução não é mais entendida como a tentativa de “reproduzir” o texto de partida, mas está sendo relacionado à inevitável interferência por parte do tradutor, à sua interpretação e manipulação do texto. O tradutor é entendido como um sujeito inserido num certo contexto cultural, ideológico, político e psicológico - que não pode ser ignorado ou eliminado ao elaborar uma tradução. O tradutor tornou-se “visível (Ibid p. 54).”

Citação 3:

“Nem a aparente sinonímia produz equivalência [...] é por isso que um dicionário de sinônimos pode indicar perfeito como sinônimo de ideal e veículo como sinônimo de transporte, mas não pode dizer em nenhum dos casos que se produz completa equivalência, uma vez que cada unidade contém em si um conjunto de associações e conotações não-transferíveis (Bassnett, 2003, p.38).”

5. AS PARTICULARIDADES DA LEGENDAÇÃO.

5.1 Legendação X Legendagem:

Mesmo dentro do meio acadêmico é comum haver certa confusão quanto ao emprego desses termos, talvez porque o campo da tradução audiovisual é relativamente novo dentro dos Estudos da Tradução.

De acordo com Araújo (2002), Alvarenga (apud Mello, 2005) e Souza (2007), o termo *legendação* é empregado para referir-se ao trabalho do tradutor (ou legendador), enquanto a *legendagem* consiste no processo de gravação das legendas na fita.

5.2 Legendação X Dublagem:

Trata-se de duas práticas tradutórias distintas, cada qual com características e exigências diferentes e outras em comum, mas ambas são classificadas como tradução audiovisual e são usadas para tornar compreensíveis produções televisivas para falantes de língua estrangeira (Luyken, 1991).

Quanto ao que há em comum entre a *legendação* e a *dublagem*, pode-se citar a exigência de sincronia entre fala e imagem (Gottlieb, 1998; Shuttleworth & Cowie, 1997) e o fato de que tanto uma como a outra mutilam ou a sonoridade ou a película (Souza, 2007). A grande diferença está no fato de que a *dublagem* substitui o texto falado na língua original por um texto também falado na língua alvo, a *legendação* mantém o texto falado original e acrescenta legendas traduzidas para a língua alvo, apresentadas na parte inferior da tela (Karamitroglou, 2000).

Em relação à *dublagem*, a *legendação* é o recurso menos oneroso, segundo Dries (1995) e Shuttleworth & Cowie (1997).

5.3 Tipos de legendação:

Gottlieb (1998) diz que, lingüisticamente, há dois tipos de *legendação*. São eles:

1) *Legendação intralingual*: (vertical) que ocorre dentro da própria língua e inclui, por exemplo, a *legendação* de programas para deficientes auditivos.

2) *Legendação interlingual*: (diagonal) é feita a partir de uma língua falada para outra na forma escrita.

As legendas podem ainda ser do tipo *open* ou *closed*. A primeira não é opcional, ou seja, ela é parte da película; enquanto a segunda é opcional, como é o caso do recurso *closed caption* e dos DVDs.

5.4 A technicalidade da legendação:

A *legendação* não deixa de ser um elemento dificultador para a compreensão geral da obra, pois o telespectador dispõe de aproximadamente 4 segundos para ler legendas de mais ou menos 60 caracteres, durante a exposição da cena (Souza, 2007; Gottlieb, 1998), fato que exige dele um alto nível de letramento, além de intervir na imagem e causar distração (Dries, 1995; Shuttleworth & Cowie 1997). Em razão disso, não causa surpresa a afirmação de Gohn (2006) de que o lema dos legendadores é “quanto menos melhor”.

5.5 Algumas características da legendação:

- ü Parte do código oral para o escrito;
- ü Escreve-se de uma forma próxima da maneira como se expressa (ou expressaria) oralmente o mesmo enunciado;
- ü É um tipo de texto do qual, geralmente, se desconhece a autoria;
- ü Está submetido a limitações técnicas;
- ü Geralmente há supressão de palavras ou termos considerados de baixo calão, apesar de eles estarem presentes no texto oral;
- ü Pode apresentar um texto narrativo, descritivo, dissertativo ou poético e, algumas vezes, concomitantemente.

6. OBRAS E SITES DE INTERESSE

AUBERT, F. H. As (In)Fidelidades da Tradução: servidões e autonomia do tradutor. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

ARROJO, R. Oficina de tradução, a teoria na prática. São Paulo: Ática, 2000.

_____. Tradução, desconstrução e psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BAKER, M. Routledge Encyclopedia of Translation Studies. London/ New York: Routledge, 1998.

CAMPOS, G. O que é tradução. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GOTTLIEB, H. In. M. BAKER. Routledge Encyclopedia of Translation Studies. London/ New York: Routledge, 1998. p. 244-248.

LUYKEN, G.-M. Overcoming language barriers in television: Dubbing and subtitling for the European audience. Manchester: The European Institute for the Media, 1991.

MOUNIN, G. Os problemas teóricos da tradução. São Paulo: Cultrix, 1975. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. Título original: Les problemes théoriques de la traduction. Editions Gallinard, 1963.

NORD, C. Translating as a Purposeful Activity. Functionalist Approaches Explained. Manchester, UK: St. Jerome, 1997.

PAGANO, A; MAGALHÃES, C; ALVES, F. (Org). Competência em tradução: cognição e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

SHUTTLEWORTH, M. & COWIE, M. Dictionary of Translation Studies. Manchester, UK: St. Jerome, 1997.

www.pget.ufsc.br (Pós-Graduação em Estudos da Tradução – UFSC)

www.cadernos.ufsc.br (Revista semestral da PGET, que pode ser lida em versão eletrônica ou adquirida em formato impresso).

<http://www.scientiatraductionis.ufsc.br> (Revista virtual, semestral dos alunos da PGET).

http://www.terminometro.info/ancien/b40/pt/traducao_comunicacao.htm tc@u

[nibero.br](http://www.nibero.br) (Revista Brasileira de Tradutores)

<http://www.confluencias.net> (Revista de Tradução Científica e Técnica. Portugal).

<http://www.fflch.usp.br/citrat> (Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia – CITRAT. USP)

<http://traduccion.rediris.es> (Revista de Traducción – Espanha)

<http://www.uax.es/publicaciones/linguax.htm> (Revista de Lenguas Aplicadas – Espanha)

www.scielo.br (Livreria Científica Eletrônica)

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, V.L.S. Glossário bilíngüe de clichês para legendagem e dublagem. *The ESpecialist*, v.23. n.2, p.139-154. 2002.
- BASSNETT, S. Estudos de Tradução: fundamentos de uma disciplina. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gubbenkian, 2003. 242 p. Título original: *Translation Studies*.
- BOHUNOVSKY, R. [A \(im\)possibilidade da "invisibilidade" do tradutor e da sua "fidelidade": por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução](http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos8/ruth%20bohunovsky.pdf). *Cadernos de Tradução*. n. 8, 2001/2. disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos8/ruth%20bohunovsky.pdf>
- DRIES, J. Dubbing and subtitling: guidelines for production and distribution. Düsseldorf: The European Institute for the Media, 1995.
- GOTTLIEB, H. In. M. BAKER. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/ New York: Routledge, 1998. p. 244-248.
- GOHN, C. A. Mini-curso: Legendagem (filmes indianos): Teoria e Prática. Dias 10 e 11 de agosto de 2006. 12 h/a. Promovido pela PGET. (Informação verbal).
- GOTTLIEB, H. In. M. BAKER. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/ New York: Routledge, 1998. p. 244-248.
- HOLMES, J.S. *The Name and Nature of Translation Studies*. In: *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, 1972 / 1988.
- KARAMITROGLOU, F. Towards a Methodology for the Investigation of Norms in Audiovisual Translation: The Choice between Subtitling and Revoicing in Greece. Amsterdã e Atlanta: Rodopi, 2000.
- LUYKEN, G.-M. Overcoming language barriers in television: Dubbing and subtitling for the European audience. Manchester: The European Institute for the Media, 1991.
- MELLO, G.M.G.G. O tradutor de legendas como produtor de significados. 2005. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- PAGANO, A. & VASCONCELLOS, M. L Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. In. *DELTA*, 19, p. 1-25. São Paulo: PUC/LAEL.
- SHUTTLEWORTH, M. & COWIE, M. *Dictionary of Translation Studies*. Manchester, UK: St. Jerome, 1997.
- SOUZA, A.C. *Tradução e Leitura de Metáforas nas Legendas de Filmes*. Cadernos de Tradução. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. Em fase de impressão e lançamento.
- WILLIAMS, Jenny & CHESTERMAN, Andrew. *The Map. A beginner's Guide to Doing Research*. Manchester, UK: St. Jerome, 2002.